ALEXANDRO GRUBER



VENHA COMIGO

Novos Talentos da Literatura Brasileira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Alexandro Gruber

Venha comigo

Coleção Novos Talentos da Literatura Brasileira

novo século®
São Paulo, 2013

Copyright © 2013 by Alexandro Gruber

Coordenação Editorial Letícia Teófilo
Diagramação Claudio Braghini Junior
Capa Monalisa Morato
Revisão Patrícia Almeida
Daniela Georgeto

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo n. 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gruber, Alexandro

Venha comigo/ Alexandro Gruber. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013. -- (Coleção novos talentos da literatura brasileira)

13- 12354 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Edição Digital: 2014

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri –SP

E-ISBN: 978-85-428-0270-2


novo século®
www.novoseculo.com.br


You
Tube
sk

Para tia Wanda,
Minha eterna mestra.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente às minhas queridas professoras Milene Marczal, Terezinha K. Golenia e, principalmente, à incomparável Elisângela Bankersen, pelo seu fundamental apoio, sua maravilhosa opinião e todo o seu entusiasmo, que me ajudaram a realizar este sonho. Agradeço também ao seu marido, também professor, Algacir Nedochetko, e ao professor Luís Golenia, que tanto me ajudaram e instruíram.

Obrigado também às minhas mais que amigas Juliane Lotek, Natielly Gruber, Vanessa Waselkiu Majolo, Eva Raiane de Mattos e, como não poderia deixar de ser, à minha irmã de coração Francisca Loana de Lima, que faz meus dias serem mais felizes. Adoro vocês e todas as minhas colegas do curso de Formação de Docentes, no qual vimos uns aos outros crescendo aos poucos.

Para finalizar, meus mais sinceros agradecimentos à minha eterna tia Wanda, para a qual dedico este livro, por me mostrar que existem pessoas boas no mundo, e também a toda minha família, em especial à minha mãe, Anita Mihalski Gruber, por fazer de tudo e mais um pouco para que eu tivesse uma vida melhor. Seu esforço valeu a pena. Obrigado, mãe!

Prólogo

Junho, 1995

Ela sabia que naquela noite o teto seria o infinito e negro manto celeste que se estendia sobre suas cabeças. Bem acima, a lua era o lustre natural rodeado de velas vivas, as quais as pessoas insistiam em chamar de estrelas. Estava acomodada nos assentos naturais e macios da grama, de frente para uma mesa feita de pano. E os garçons eram as belas árvores frutíferas que vigiavam o casal. Ângela Brown adorava os jantares de gala que a mãe natureza gostava de oferecer a seus filhos.

Seu futuro marido deu-lhe um suculento morango na boca, que ela mordiscou e depois mastigou lentamente, sentindo o sabor adocicado da fruta a espalhar-se por sua língua, tentando saborear cada milímetro dela, assim como fazia com os segundos que passavam tão rápidos naquela noite.

Ele, então, inclinou-se sobre ela, que vestia apenas um sutiã vermelho na parte de cima de seu corpo, e, abaixando-se, deu um beijo em sua barriga que ostentava orgulhosamente seus oito meses de gravidez. Ângela sorriu e, apesar de seu companheiro retribuir-lhe o sorriso ao se levantar, notou em sua expressão que, na verdade, ele estava triste. Não pôde deixar de sentir uma imensa raiva por isso. Faltavam apenas algumas semanas para sua filha nascer, tinham uma bela casa, um belo carro, até um cachorro; e agora estavam fazendo um piquenique no meio da noite sem ninguém para perturbá-los (especialmente os caras chatos da última escavação na África). E mesmo assim podia perceber pela tensão no ar que ele estava a um passo de estragar aquele momento com sua melancolia. Já devia ter imaginado, pelos dois anos de namoro, que isso aconteceria. Ele sempre teve medo de aproveitar a felicidade, porque dizia que ela era como as águas da chuva: se não escorriam pelos ralos, evaporavam para o céu quando menos se esperava. Sempre que ouvia isso, ela só podia imaginar que esse comportamento devia ser algum tipo de trauma adquirido na infância. Precisava conversar com a mãe dele sobre esse assunto.

Ao perceber que de nada adiantaria ignorar a expressão triste de seu noivo, ela perguntou:

– O que foi, querido? Está preocupado com alguma coisa?

Ele não respondeu de imediato. Seus olhos miravam o céu ao longe, distante e profundo, e sobre o brilho pálido da lua ela pôde jurar ter visto uma lágrima brilhar no canto do seu olho direito. Ângela segurou sua mão, encorajando-o a falar, até que, por fim, ele se virou, encarando-a com o rosto mais infeliz que ela se lembrava ter visto algum dia.

– Eu não devia fazer isso – ele falou balançando a cabeça –, mas vou fazer porque *te amo*

– fez uma pausa extremamente longa antes de continuar. – Ângela, peço que me ouça, por favor, sem interromper – ele suspirou ao mesmo tempo em que ela sentiu um súbito temor. – *Eu vou lhe contar tudo...*

1
Quinta-Feira

Julho, 2013

– Por quê?

Richard Clare lançou seu olhar rapidamente pelo retrovisor de seu carro, que revelou a imagem da garota sentada no banco traseiro, com os braços cruzados e a expressão séria. Juliette tinha o comportamento rebelde desde criança (ele ainda se lembrava do dia em que, com dois anos, ela atirou uma tigela de cereal na sua cabeça). Os cabelos da jovem tinham o mesmo tom louro dos de sua mãe, só que curtos, fazendo com que a beleza deles contrastasse com o excesso de maquiagem em seu rosto e a sombra negra embaixo dos olhos azuis vivíssimos, que também eram uma herança materna.

Ele suspirou.

– Já conversamos sobre isso! É a quinta vez que você me faz a mesma pergunta. Portanto, vou lhe dar a mesma resposta, e desta vez peço que preste atenção – ele assumiu um tom sério e falou como um locutor que transmitia uma notícia pelo rádio. – *Gostaria de informar à senhorita Juliette Bellatrix Brown Clare que sua avó, Loreta Alcyone Brown, solicita sua presença, assim como de toda sua família, em sua respectiva residência para as férias de verão, pois alega que não recebe suas visitas há exatos sete anos. Obrigado pela atenção.* Entendeu?

Mantendo sua atenção na estrada pela qual conduzia seu Porsche prata, Rick não percebeu quando sua filha revirou os olhos em visível desinteresse, como se dissesse: "*Tô* nem aí".

– Como é a casa da vovó? – perguntou Nicolle, que na última visita tinha apenas três anos e, por isso, pouco se lembrava do lugar. – É maneira?

– Se você acha que um celeiro é maneiro, aquela casa é uma mansão.

– Julie! – retrucou seu pai.

– Que foi? – ela deu de ombros, fingindo não entender sua reprovação.

– Não dê ouvidos a ela, Nick – Richard falou para a garotinha de dez anos. Ela tinha os cabelos louros presos em um rabo de cavalo. – Julie está revoltada porque vai ter que passar o verão sem aquelas más influências, as quais chama de amigos.

Nicolle soltou um risinho ao lado dela. Juliette sabia que sua irmãzinha não fazia aquilo para irritá-la, e sim para cair na graça de seu pai. Muito provavelmente, Nick sequer concordava com a afirmação de que seus amigos eram más influências. A pequena adorava

quando Meg a ensinava a tocar guitarra (embora ela mesma não soubesse muito bem) e o jeito que Ronny empinava a moto quando o viam passar em frente de casa (Richard não deixava que ele as visitasse, e mais de uma vez ligou para os policiais para avisar que havia um louco que não parava de se exibir com sua motocicleta, ameaçando a segurança dos outros motoristas). Porém, entre ela, seus amigos e papai, Nicolle sempre estava do lado do homem da casa. Sequer podia culpá-la. Porque o último verão que visitaram sua avó, também foi o último verão da vida da mãe delas, Ângela Brown. Desde então, o advogado Richard Clare dedicou-se a tentar suprir a ausência dela da melhor forma possível. E, assim, a pequena Nick acabou apegando-se demais a ele. Os dois faziam tudo juntos e, às vezes, Julie não podia deixar de se sentir como se não fizesse parte daquela família. Especialmente quando ele falava mal de seus amigos.

– Eles não são más influências coisa nenhuma – falou ela, mas seu pai não lhe deu atenção.

Sentindo uma imensa saudade de seus colegas de colégio e frustrada por seu pai sequer ter permitido que Meg fosse com eles, tentou distrair-se olhando a paisagem, que, para seu desespero, revelou dezenas e mais dezenas de árvores e mata nativa, fazendo com que ela sentisse vontade de chorar.

– Precisamos ir mesmo para lá? – reclamou melancolicamente, deixando-se cair ainda mais no banco, enquanto fechava os olhos e massageava a têmpora com os dedos.

Seu pai sorriu torto, mas tentou passar um ar otimista.

– Querida, não vai ser tão ruim... – ele fez uma pausa, parecendo refletir. – Pense na areia e no mar só para nós, sem poluição, carros ou barulho...

– Poluição, carros e barulho são a minha vida, pai – ela argumentou. – Eu sou uma garota da civilização, não de praias desertas.

Ele ponderou aquelas palavras. Por um instante, Julie acreditou que o tinha convencido e que ele não teria nenhum outro argumento para tentar convencê-la. Em seu íntimo, sabia que seu pai também não queria passar as férias de verão em uma praia deserta, dentro de uma casa que só trazia más recordações. No entanto, depois de um tempo, ele disse:

– Não pense que estou fazendo isso para lhe irritar, Julie. Sei que não gostou da ideia e que será um martírio para você, mas foi sua avó quem pediu nossa visita. Ela está velha e só Deus sabe até quanto irá viver. Já é o bastante para ela viver sozinha desde que o marido morreu em decorrência de um infarto, e uma visita é o mínimo que podemos fazer.

– Por que a vovó não vem morar com a gente, papai? – Nick perguntou.

– Já fiz esse convite a ela, só que a vovó não quer ficar longe da casa na qual viveu a vida inteira. Duvido que se adapte à cidade grande.

– A gente não podia passar só alguns fins de semana e feriados lá, então? – Juliette perguntou sem conseguir se conter.

Rick virou rapidamente a cabeça para trás e lançou-lhe um olhar de reprovação, o qual Julie entendeu o significado na hora.

– Tudo bem, tudo bem. Não reclamo mais, eu prometo – falou, e depois passou os dedos

da mão pelos lábios, como se os estivesse fechando com zíper.

– Espero que não reclame mesmo, ainda mais perto de sua avó. Até porque... se bem me lembro, você adorava visitá-la.

Ela sabia que era verdade, e exatamente por isso teve dificuldades em dizer alguma coisa. Sempre gostou da companhia de sua avó, das histórias que ela contava, do gosto de sua comida e das tardes que passavam fazendo castelos de areia, juntamente com sua mãe, na praia deserta até o sol se pôr, para depois acenderem uma fogueira e assarem *marshmallows* com seu pai. Mais uma vez teve vontade de chorar.

– É que... – ela tentou explicar, depois de alguns segundos.

– Eu sei – foi a simples resposta de seu pai, e de algum modo ela soube que pela mente dele passavam as mesmas lembranças.

A saudade de sua mãe era muito grande. Uma coisa que a ajudava a lembrar dela era uma pequena chave com um coração na ponta que ganhou de sua mãe, que usava pendurada no pescoço. Sua mãe lhe disse que era a chave de seus pensamentos. Nunca entendeu o que aquilo significava.

Percebendo que Nicolle olhava para sua irmã e depois para o espelho retrovisor, fitando seus olhos com uma expressão que mesclava confusão e curiosidade, Rick ligou o rádio para descontrair o clima pesado, e a voz de Kelly Clarkson invadiu o automóvel com a música *Breakaway*.

Nick começou a cantarolar, acompanhando a música, para o aborrecimento de sua irmã. Não que cantasse mal, muito pelo contrário, a voz da garotinha era leve e afinada, e exatamente isso fazia com que Julie sentisse um pouco de ciúmes. Adorava ouvir música, e quando era pequena lembrava-se que sonhava em ser cantora. Porém, sua voz rouca frustrou esse seu anseio. A verdade era que sua irmã, apesar de mais nova, mostrava-se mais qualificada para tudo. Até mais bonita ela era, com seus cabelos lisos e louros, maçãs rosadas no rosto, nariz arrebitado e os olhos verdes de seu pai. Em tudo o que fazia mostrava uma natureza delicada e, ao mesmo tempo, perfeccionista. Juliette, por sua vez, era desengonçada e, como sua amiga Meg gostava de provocar, "máscula demais". Sempre foi a mais alta de sua turma, com uma voz mais grossa que a maioria das garotas e uma força maior que a dos meninos, embora seus braços fossem finos e magricelos, assim como todo o seu corpo. Sabia que toda sua beleza residia em seu rosto, mais especificamente em seus olhos faiscantes. Conformada com seu corpo desengonçado, logo admitiu que sua maior qualidade seria a inteligência. Desde pequena, possuía uma grande facilidade para recolher informações e lidar com aparelhos tecnológicos e complexos. Por isso estava odiando a ideia de visitar a avó, completamente longe da civilização, onde, para começar, nem o sinal do celular funcionava. Além disso, seu pai a proibira de trazer qualquer jogo eletrônico. Conclusão: ela estaria em uma prisão.

"*... estrelas irão passar nesta madrugada de quinta para sexta-feira...*"

– O quê? – Julie perguntou ao retornar de seus devaneios quando ouviu parcialmente uma

notícia dada pelo locutor de rádio.

– Estrelas, Julie. Uma chuva de estrelas cadentes – Richard explicou, contornando uma curva fechada.

Nicolle soltou um gritinho de alegria.

– Podemos ver, papai? Por favor. Eu nunca vi uma chuva de estrelas cadentes.

– Claro, querida. Vamos torcer para que faça uma noite limpa e que não chova. Daí você poderá ver como é lindo o céu na casa da sua avó, longe da poluição e das luzes da cidade. Podemos nos deitar na areia e eu digo o nome de algumas estrelas e a história de algumas constelações pra você.

– Legal! – Nicolle falou entusiasmada.

Olhando o homem de cabelos castanhos, olhar cansado e um rosto de traços fortes, Julie sabia que não era comum para um advogado como ele saber nomear as estrelas e localizá-las. Fora o convívio com sua mãe, que o ensinara a passar horas a fio olhando para o céu. Ela mesma fora ensinada a fazer isso quando era pequena.

"Quando não encontrar as respostas na terra, procure-as nas estrelas" – sua mãe disse-lhe certa vez. "O brilho delas muitas vezes afasta as sombras das dúvidas."

Mas sua mãe se foi, e com o passar do tempo Julie perdeu esse costume, que, pelo visto, era mantido por seu pai. Ou talvez só esteja procurando um pedaço dela lá no céu. Céu este que Ângela tanto idolatrava. Mais de uma vez ela pegou-se imaginando por que sua mãe não escolhera ser astrônoma ou até astronauta em vez de arqueóloga. Era difícil entender o fascínio dela por todos aqueles sóis distantes. Mas agora isso já não importava.

Do seu lado, Nicolle devorava com avidez uma barra de cereal, fazendo um barulho absurdamente irritante enquanto mastigava.

– Estou louca para...

– Nick, não fale de boca cheia! – repreendeu seu pai.

Ela engoliu o pedaço que estava em sua boca.

– Desculpe. Estou louca para ver as formigas gigantes da praia!

Tanto Julie quanto seu pai, que virou sua cabeça rapidamente antes de voltar sua atenção para a estrada, se surpreenderam com aquela afirmação. De onde ela tirara a ideia de que existem formigas gigantes na praia? Tudo bem que era uma criança, mas Nick sempre foi bem mais esclarecida que as demais e até aceitou com muita naturalidade quando Rick lhe contou no Natal que era ele quem colocava os presentes na árvore, e não o Papai Noel, pois ele não existia. Na concepção de Juliette, era muito mais fácil acreditar no "Bom Velhinho", que, ao menos, era uma *pessoa,* do que numa formiga gigante.

– Não seja boba, Nick, você já está grande demais para saber que essas coisas não existem.

Ela cruzou os braços e fechou a cara, do mesmo modo que sempre fazia quando alguém alegava que ela estava mentindo.

– Existem, sim! Eu vi uma naquela foto que a gente tirou quando eu era pequena. Eu estava

no colo do papai, a vovó de um lado, a mamãe do outro e você do lado dela. E escondida em uma árvore, atrás da gente, eu vi uma formiga gigante nos espiando. Ela era cinza!

– Nicolle, quando quiser inventar alguma coisa, pelo menos aprenda a fazer direito. Não existem formigas gigantes que possam ser maiores do que o seu polegar, e muito menos... *cinzas!* Se ao menos tivesse dito vermelhas, ou pretas, quem sabe eu...

– ELA ERA CINZA! – Nicolle gritou com raiva, e se toda aquela história não fosse um tremendo absurdo, Julie poderia até considerar que ela estivesse dizendo a verdade.

Suspirando, Juliette tentou explicar com mais calma.

– Ouça-me, Nick: formigas *gingantes* e *cinzas* não existem.

– MAS EU...

– Já chega vocês duas! – Richard exclamou irritado com a discussão. – Vão me deixar louco se continuarem brigando assim. Julie – ele falou olhando pelo retrovisor –, seja mais paciente com a Nick, ela é só uma criança.

– Eu não sou mais uma criança...

– *Psiuuuuu*! Não discuta. O que estou dizendo é que pode ter sido algum outro animal estranho... um cão ou até um gato, que podem ter saído distorcidos na fotografia.

– Viu?! – Julie provocou, triunfante.

Nicolle virou a cara para a janela, sem dar atenção para a irmã, mas ainda murmurou baixinho de cara amarada: "Para mim era uma formiga cinzenta gigante!".

Depois de alguns minutos em silêncio, ouvindo um programa de músicas dos anos 1980 e 1990 que passava na rádio, Richard estacionou o carro no acostamento, onde a estrada se perdia numa curva escondida pelas árvores que dominavam os dois lados da estrada. Ele saiu do carro e se embrenhou até desaparecer no meio das árvores, alegando que iria fazer xixi, pedindo para que as duas aguardassem no carro. Cansada de ficar dentro daquele cubículo apertado, Julie abriu a porta do veículo.

– Aonde você vai? – Nick perguntou. – Papai disse para ficarmos dentro do carro.

– Eu só vou esticar um pouco as minhas pernas. Não saia do carro, hein, garota! – advertiu ela.

Fechando a porta, Julie recostou-se na traseira do carro esticando os braços para cima, deixando a tensão esvaziar-se deles. Ficou de olhos fechados, respirando lentamente. Por mais que odiasse admitir, gostava quando o ar puro e revigorante da natureza invadia-lhe os pulmões. Fazia com que se sentisse... *viva*.

O sol batia forte na copa das árvores, fazendo com que um estranho sentimento a invadisse por dentro. "É possível odiar e gostar de uma coisa ao mesmo tempo?", perguntou a si mesma. No fundo, mas bem lá no fundo mesmo, Julie sabia que o problema não era a sua avó ou o lugar no qual ela morava. Por mais que fosse uma "garota urbana", a natureza exercia uma magia sobre ela, o que tornava muito difícil ter que dizer que não gostava dela. Era o mesmo que ficar na chuva sem se esconder e dizer que não se molhou. O problema, então, não era o lugar, mas *o que* aconteceu nesse lugar.

Foi quando as chamas vermelhas já estavam invadindo sua mente que uma estranha sensação fez com que se arrepiasse. Um segundo depois, sua atenção recaiu sobre a floresta do outro lado da estrada e, fosse coisa da sua cabeça ou algo real, ela podia jurar que viu dois olhos encarando-a, como dois pirilampos na escuridão da mata. Piscou os próprios olhos e, ao abri-los, notou algo volumoso sumir entre as árvores, deixando apenas o balançar das folhas.

"O que foi aquilo? Será que era algum tipo de animal?", perguntou-se.

Mal se deu conta, seus pés já estavam indo em direção ao exato lugar onde a criatura misteriosa estivera pouco tempo atrás. Sequer lembrou-se de olhar para os lados antes de atravessar para o outro lado da rua, e tão logo já podia ouvir o som das folhas secas quebrando-se sob os seus pés. Tudo estava silencioso, a não ser por uns poucos pássaros que cantavam, e alguma coisa no ar que a inquietava. Era uma sensação semelhante ao se aproximar do fogo, como se algo invisível estivesse queimando em algum lugar na frente dela. Um ruído estranho invadiu seus ouvidos, como se um enxame de abelhas estivesse muito próximo, embora, mesmo olhando para todos os lados, ela nada visse. O barulho aumentava de tal maneira a cada segundo que ela se viu obrigada a tampar os ouvidos com as mãos. Mesmo assim, o som não diminuía, o que lhe fez pensar na louca hipótese de aquele barulho estar dentro de sua cabeça.

Seu primeiro pensamento foi voltar. Tentou virar-se para ir em direção ao carro, mas seus pés não queriam obedecê-la, indo cada vez mais para dentro da floresta. O ruído aumentava e confundia seus pensamentos. Como se não bastasse, continuava sentindo aquele calor estranho no ar, e seu rosto já suava, grudando alguns fios de cabelo na testa.

As folhas em volta dela começaram a mexer-se, criando dentro dela o temor de que algum animal escondido pudesse pular a qualquer instante. Julie agora ouvia passos aproximando-se e todo seu temor explodiu de dentro dela em um grito ao ser tocada por uma mão que apertou seu ombro, fazendo-a se virar.

– Você está bem?

– Pai!

Julie não conseguiu esconder o alívio em sua voz. Rick estava parado ainda com a mão em seu ombro e Nicolle grudada em sua perna. Os dois encaravam-na com uma expressão confusa e assustada ao mesmo tempo. Só então Julie percebeu que tanto o ruído como o calor estranho tinham sumido do ar.

– Você está bem? – seu pai repetiu a pergunta. – Você está pálida e toda suada. O que aconteceu? Você viu algum animal? – falou ele olhando para os lados, procurando por qualquer indício de presença estranha.

– Eu... é, não.... quero dizer, não sei – seus olhos ainda estavam arregalados e suas mãos tremiam. Não sabia definir o que acontecera há pouco. Talvez estivesse doente e aquilo tudo só fosse resultado do estresse. Com certeza ficaria bem melhor assim que pudesse comer e beber alguma coisa. – Estou bem – disse, por fim. – Só pensei ter visto algum animal ali, mas não era nada.

Richard ainda a olhava com uma cara preocupada.

– Está bem. Vamos para o carro, não falta muito para chegarmos.

Julie concordou com a cabeça e seguiu seu pai e sua irmã até a estrada onde o carro estava estacionado. Contudo, antes de sair da mata, algo chamou sua atenção. Em uma das árvores, no exato local onde pensou ter visto os dois olhos, uma marca negra, que parecia ter sido feita com ferro em brasa, estava gravada no tronco, formando o desenho de uma *mão*. Uma mão gigante!

***

A casa de Loreta Brown só ficou visível quando o sol já estava se escondendo no horizonte. Já tinham deixado a estrada asfaltada há cerca de dez minutos e adentrado por uma de terra que terminava dando nas areias da praia. Juliette chamava aquele lugar de "praia deserta" porque, literalmente, ninguém ia até lá. Aliás, poucos sabiam que ela existia. À exceção de alguns jovens que, em busca de aventuras e lugares diferentes, se arriscavam a percorrer estradas estranhas só para ver onde dariam, e vez por outra encontravam a pequena praia. Não era nenhum atrativo que os fizesse voltar. A faixa de areia se estendia por apenas uns duzentos metros e terminava em um grande paredão de pedra. No alto desse paredão, como se estivesse à beira de um penhasco que dava no mar, ficava a casa da vovó. Richard percorreu o Porshe alguns metros na areia, até achar a pequena estradinha que subia em uma linha inclinada até o alto do morro.

Era uma bela visão, Julie não podia negar. Ver os raios do sol poente atingirem a casa de pintura branca no alto do morro, com a suave batida do mar quebrando na praia, era de se emocionar. Porém, ela ainda estava muito abalada com a lembrança daquela criatura estranha e da marca que possivelmente deixara na árvore. Mas a questão era: *Quem fez isso?* E também: *Como fez isso?* Juliette não tinha a mínima ideia e sequer comentou isso com seu pai.

Agora isso já não importava mais. Não fazia sentido ficar pensando em uma coisa que já ficou para trás.

Ao ver aquela casa de mais de oitenta anos e que já passara por duas reformas, era impossível não notar a pintura branca que descascava na parede, o velho balanço na varanda, uma rede de dormir e o vidro quebrado da janela do sótão no segundo andar, resultado de um trágico jogo de beisebol na última visita há sete anos.

Estacionaram o carro em frente à escada da casa e, quando desceram do veículo, os olhos de Julie recaíram sobre um espaço vazio poucos metros à frente. Seu coração apertou-se com a recordação da velha oficina do avô, que nunca conheceu. Rick também olhava para o mesmo local com a expressão triste, mas não comentou nada, e Julie achou por bem fazer o mesmo. Era a primeira vez que olhavam aquele lugar novamente depois do incêndio, e as recordações daquele verão maldito vinham como uma represa que se rompia.

Nicolle, que já havia subido as escadas, gritava para andarem logo e não ficarem parados como duas múmias. Indo em direção à porta, ela estranhou o fato de sua avó não tê-los

recebido logo de imediato. Mesmo aos 76 anos de idade, deveria ter ouvido o ronco do motor se aproximando. Ao virar o rosto, notou que o vidro das janelas estava todo empoeirado e teve a ligeira impressão de ter visto um par de olhos espiando pelas persianas, depois sumindo na escuridão. "Deve ser a vovó", pensou e se perguntou: "Por que as pessoas velhas começam a desconfiar de tudo e de todos?". Passos vinham do interior da casa e algumas vozes abafadas também podiam ser ouvidas.

"Ela deve estar com visitas. Pessoas velhas vivem visitando umas às outras e falando de um tempo que ninguém lembrava mais, de quando ainda eram jovens."

Nicolle bateu à porta.

– Vovó! – gritou ela. – Chegamos!

As vozes continuavam a conversar do lado de dentro, porém era impossível discernir sobre o que falavam.

– Por que a vovó não abre a porta? – Nick perguntou.

– Talvez ela não esteja em casa ou esteja dormindo – Rick explicou.

– Ela já vem – falou Juliette, sentando-se no balanço da varanda, desconfiada com a possibilidade de ele quebrar com seu peso.

– Como você sabe? – Nicolle quis saber.

– Porque eu ouvi os passos dela e vozes dentro da casa. Deve ter visitas.

– Eu não ouvi nada – a garotinha falou, tentando expiar pela janela.

Uma resposta provocativa já estava na ponta da língua de Julie, quando uma voz vinda de baixo assustou-a.

– Olá, queridos!

Subindo os degraus da escada, Loreta Brown apoiava-se em uma bengala de madeira. Estava bem vestida. Usava compridas unhas postiças vermelhas nos dedos, uma saia xadrez que dava até nas sapatilhas pretas, blusa branca e um xale bege que caía por cima dos ombros. Tinha os mesmos cabelos curtos da neta Julie, porém, em vez de castanhos, eram brancos, e olhos igualmente azuis e cintilantes que davam um aspecto mais jovem ao rosto enrugado. Apesar da exuberância, Juliette notou que a pele dela estava mais pálida que o normal, quase cinzenta, e viu-se perguntando se a avó não estaria doente. Tudo bem que ela também tinha a pele muito clara, e nem horas na praia faziam com que pegasse um bronzeado. Mas sua avó parecia quase transparente, e não se lembrava de tê-la visto assim há sete anos.

– Loreta! – Richard falou com a voz calorosa, ajudando sua ex-sogra a subir os últimos degraus para dar-lhe um abraço.

– Rick, que bom vê-lo. Ah – falou voltando sua atenção para Nicolle –, e olhe a pequena Nick como está grande. Venha dar um abraço em sua vovó, meu anjo.

Um pouco encabulada, Nicolle passou os braços em volta do pescoço fino de Loreta, e quando tirou-os estava com um sorriso radiante nos lábios. Tinham se visto dois anos antes, é verdade, em uma das poucas visitas que Loreta fizera a eles na cidade, mas, em virtude do pouco tempo que passaram juntas, eram quase estranhas.

Loreta parou um instante na frente de Julie parecendo analisá-la, do mesmo modo que todo parente faz ao perceber uma grande mudança em um familiar que não vê há anos. Pareceu que uma lágrima brilhou no canto de seu olho, mas sumiu rapidamente quando seu sorriso apareceu.

– Julie, minha menina, venha cá – disse, envolvendo-a em um abraço que lhe pareceu muito mais forte do que poderia supor possível para braços tão franzinos. – Eu esperei tanto para lhe ver, querida. Precisamos conversar muito, quero saber tudo sobre sua vida.

– É bom ver você, vovó. Mas acho que vai se decepcionar, porque minha vida é bem comum.

– Ora essa, Julie, todas as vidas podem se dizer comuns, mas cada vida é comum de um jeito único e particular, e é isso que torna cada uma delas especial. – Loreta permaneceu em silêncio por um tempo, depois continuou falando para todos. – Então vamos, vamos, queiram entrar. Estou muito feliz de ter a companhia de vocês, ando muito sozinha ultimamente.

– Sozinha? – Julie perguntou instintivamente, lembrando-se dos passos e das vozes dentro da casa. – Pensei que estivesse com visitas, porque ouvi conversas do lado de dentro.

Parecendo sem jeito, Loreta sorriu e explicou.

– Não, querida, isso é... impossível. Devo ter deixado a TV ligada.

– Acho que não, vovó, porque eu não escutei nada. Deve ser só loucura da cabeça da Julie.

– Ei!

– Nick, não chame sua irmã de louca – Richard falou. – A avó de vocês passou um bom tempo sem vê-las e acho que não está com vontade de ouvir as brigas de vocês.

A avó riu.

– Isso é normal. Quando minha irmã Charlotte era viva, nós também brigávamos como cães e gatos. Mas, para o bem de vocês e a tranquilidade de seu pai – disse voltando-se para as duas –, é bom que tenham mais paciência uma com a outra – depois sua voz assumiu um tom mais triste. – A gente nunca sabe até quando terá as pessoas que amamos por perto. Ah, desculpem-me. Não quero contagiar vocês com a melancolia de uma velha.

As duas garotas concordaram com a cabeça, e Juliette deduziu que sua avó devia estar falando tanto de seu avô Nycholas, como de sua irmã Charlotte ou... de sua filha, Ângela.

Girando a maçaneta, Loreta abriu a porta que não estava trancada.

– Não costumo trancar a porta quando saio. Vocês bem sabem que não há ninguém por perto para me assaltar, e, mesmo que houvesse, não acho que exista algo que possa interessar a alguém.

– Por falar nisso, onde você estava, vovó? – quis saber Nick.

– No porão – respondeu acendendo as luzes da sala, fazendo Julie reparar que a televisão estava desligada, e que todo o resto da casa estava em silêncio. – Estava arrumando algumas velharias.

– Eu posso ir lá ver, vovó?

A idosa calou-se por um instante enquanto pensava seriamente no assunto, antes de sorrir

torto.

– Infelizmente não acho uma boa ideia, querida. Aquele lugar está todo empoeirado e cheio de aranhas. Existem coisas bem mais interessantes, como a praia, para você se divertir.

– Maneiro!

– Se a senhora quiser, eu poderia ajudá-la a limpar o porão – Rick se prontificou.

– Não se incomode, Richard. Vocês estão aqui para se divertir, e o porão não é um lugar que eu visite muito. Portanto, é melhor deixarmos como está.

– Como quiser.

– E você, Juliette? Por que está tão calada? – a avó perguntou.

A jovem, que não parava de passar os olhos por todos os cantos da casa procurando indícios de qualquer outra presença que pudesse explicar as vozes que ouvira anteriormente, pegou-se desprevenida com o comentário.

– Ah... eu só estava... vendo como a casa continua do mesmo jeito que antes.

– Sim, sim – Loreta concordou com a cabeça. – Não sou de fazer muitas mudanças.

Era verdade. Todos os móveis estavam posicionados exatamente no mesmo lugar que há sete anos. O sofá de couro vermelho, a cadeira de balanço à esquerda do televisor, que ficava em cima de uma raque recheada de porta-retratos com fotos muito antigas e vários bichos de porcelana.

– Devem estar com fome depois de duas horas de viagem. Sentem-se e assistam alguma coisa enquanto eu preparo o jantar.

– Eu ajudo – Rick se ofereceu.

– Obrigada, Rick. Se bem me lembro, você, além de excelente advogado, é um ótimo cozinheiro...

Os dois sumiram por uma porta que levava para a cozinha, enquanto Nicolle pulava para cima do sofá, ligando a TV, passando os canais até encontrar um com desenhos animados.

Sem vontade nenhuma de assistir o *Bob Esponja*, Juliette foi até o carro e pegou as bagagens para arrumá-las no quarto de cima. Havia duas camas no aposento, uma para ela e a outra para Nicolle, além de um armário, onde guardou as roupas que tirava das malas, um banheiro pequeno, duas cômodas e alguns livros. A roupa de cama estava limpa, assim como todo o quarto.

Quando abriu a janela do quarto para que o ar pudesse entrar, demorou alguns instantes ali, observando a paisagem, vendo as águas tingidas de negro pela escuridão da noite estrelada. Lembrou-se que mais tarde iriam até a praia observar a chuva de estrelas cadentes, mas algo ainda a atormentava: a árvore marcada com o desenho de uma mão. A estranha sensação que sentiu naquela floresta insistia em não passar. Querendo afastar aquelas lembranças e percebendo que estava faminta, desceu as escadas. Nick já ajudava a pôr a mesa.

– A vovó e o papai fizeram macarronada e bolo de carne – disse ela, entusiasmada.

O estômago de Julie roncou de alegria.

– Que ótimo!

Ficou sentada à mesa, esperando a refeição por cinco minutos. Durante esse tempo, não pôde evitar a estranha familiaridade que aquela casa trazia e, junto com ela, a imagem de sua mãe.

A entrada de sua avó com o bolo de carne lhe afastou a tristeza.

– Bom apetite – ela disse quando todos se sentaram.

Comeram enquanto conversavam sobre coisas banais do cotidiano. Richard contou sobre o último caso que ganhou em favor de uma jovem empregada acusada de roubar as coisas da patroa, quando se descobriu que, na verdade, era o marido o autor dos furtos, que os usava para conseguir dinheiro para fazer suas apostas. Além disso, ele queria se vingar da empregada por tê-lo recusado. Nicolle falou muito de seus amigos da escola, e quando chegou a vez de Julie, sua avó se interessou muito por suas boas notas e gosto pela tecnologia.

Ao terminarem de jantar, tanto Richard quanto Nick já estavam cochilando com a cabeça recostada na mesa.

– Pobrezinhos. Essa viagem os deixou mortos de cansaço – Loreta observou.

– É... – Julie concordou, pegando com o garfo e depois abocanhando o último pedaço de torta de seu prato. – Obrigada pelo jantar, vovó. Estava delicioso.

– Que bom que gostou, querida.

Loreta olhou para a mesa em silêncio, depois com uma expressão distante e incerta voltou-se para a neta.

– Querida... – começou ela, depois fez uma pausa antes de continuar. – Tem uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar.

– Claro, vó.

– É sobre sua mãe.

– Ah! – Julie deixou o garfo cair na mesa e baixou o rosto. Durante todo o jantar haviam evitado falar dela, sabendo da dor que isso lhes causa, e agora sua avó queria lhe perguntar sobre ela, exatamente em um momento em que seu pai não poderia lhe ajudar. – Tudo bem, então – murmurou sem saber como dizer que não queria falar sobre isso.

– Minha neta, eu sei que é difícil falar dela. Para mim também é. Mas existe alguma coisa que eu gostaria de saber... – fez uma pausa excessivamente longa. – Alguma vez sua mãe conversou com você sobre alguém chamado *Sirius*?

– Sirius? – Juliette se surpreendeu. Esperava que sua avó fosse perguntar algo sobre o que ela se lembrava da mãe ou alguma coisa importante, não sobre uma pessoa. Ainda mais alguém chamado *Sirius*. Nunca tinha ouvido esse nome antes, a não ser, claro, nos livros de *Harry Potter,* de J.K. Rowling, mas duvidava que fosse ao qual sua avó se referia. – Não, nunca. Por quê? Ela deveria ter falado?

– Não, claro que não – Loreta apressou-se em dizer, e sorriu como se quisesse esquecer o assunto. – Ele era só um querido companheiro de trabalho de sua mãe, e eu queria saber se ainda estava vivo.

– Ah – Julie disse desconfiada, enquanto sua avó levantava e começava a recolher os

pratos.

– Eu lhe ajudo, querida.

Julie assentiu com a cabeça e, quando olhou para Nicolle e Rick que cochilavam, viu que eles começavam a mover-se ao mesmo tempo, como num passe de mágica.

– Que bom que acordaram, dorminhocos. Bem a tempo de verem as estrelas cadentes...

***

Antes mesmo da meia-noite, o céu já começava a salpicar com aquelas viajantes celestes que atravessavam o céu. Depois, o número e a frequência com que as estrelas passavam foram aumentando cada vez mais, até parecerem uma saraivada de flechas atiradas por alguém escondido na penumbra do espaço.

Abaixando os olhos, Juliette viu o pai e Nicolle deitados na areia perto do resto de uma fogueira, onde agora só havia algumas cinzas e um filete de fumaça que se erguia até os céus.

– Não quis ir até a praia?

Julie virou-se num salto, apoiando as mãos no parapeito da janela.

– Ah, vovó. Desculpe-me, eu não ouvi a senhora chegar.

A velha sorriu com dentes perfeitos e excessivamente brancos para a idade dela e levantou-se da cama de Nicolle, indo na direção da garota.

– Perdoe-me, minha querida. Só vim lhe dizer boa noite – ela segurou em seus ombros e, puxando-a para si, deu-lhe um beijo na testa, depois olhou pela janela. – Devia passar mais tempo com eles, Julie. Um dia poderá sentir falta.

– Por que diz isso? – Juliette perguntou confusa quando sua avó já andava até a porta com sua bengala quicando na madeira.

Parando por um segundo, Loreta virou-se com uma expressão triste.

– Por nada, é claro. Por nada...

E sem dizer mais nada, abriu a porta e saiu. Mas no breve instante em que a luz do corredor iluminou o quarto escuro, Julie pensou ter visto no lugar da mão enrugada da avó uma garra fina e animalesca fechando o aposento. Levou um susto ao ver a cena, depois se acalmou e achou melhor se deitar. O sono já estava fazendo com que tivesse alucinações.

2
Sexta-Feira

BUM!

Juliette foi despertada de madrugada por um barulho estranho que parecia vir do andar de baixo. Sentando-se na cama, tateou o abajur, mas parou ao reparar que Nicolle estava dormindo na cama ao lado e não queria acordá-la com a luz do aparelho. Provavelmente a menina não gostou da ideia de passar a noite em uma barraca, enquanto tinha uma cama macia esperando por ela dentro de casa.

Pegando seu celular, Julie ligou-o debaixo das cobertas e viu que eram três da manhã. Fazia apenas três horas que havia se deitado para dormir e pensou que devia ter sonhado com aquele barulho, ou talvez fosse o ronco de seu pai no quarto ao lado. No instante em que já se preparava para cair deitada na cama, ouviu novamente:

BUM!

Era um barulho abafado: uma mistura de alguém andando e de uma porta batendo.

Curiosa, levantou-se, calçou os chinelos e foi até a janela para dar uma espiada, só para ter certeza de que não havia nada de estranho acontecendo. Então, abriu apenas uma fresta da janela, por onde espreitou com o olho direito. Estava quase desistindo, vendo apenas areia e o mar movendo suas ondas calmamente, até que um movimento na praia chamou sua atenção. Viu uma pessoinha esquia e magra caminhando. De longe dava para ver que era uma mulher, porque usava um vestido. Ela parecia ter cabelos curtos. Nesse instante, Julie teve que abafar uma exclamação de surpresa quando reconheceu a figura misteriosa. Era sua avó Loreta Brown.

"Já ouvi falar de gente que sai cedo para fazer caminhada, mas às três da manhã é ridículo!" Julie pensou sarcasticamente. "Aonde ela vai? E se for sonâmbula?" Ficou tentada a acordar o seu pai para avisá-lo que sua avó estava andando pela praia de olhos fechados. Depois pensou melhor e concluiu que poderia resolver isso sozinha. Chegou a cogitar a ideia de trocar de roupa, pois estava só com um pijama cheio de ursinhos azuis desenhados por toda a parte, mas concluiu que isso não importava, já que ninguém iria vê-la assim. Além do fato de que precisava ser rápida, porque, se sua avó era sonâmbula, podia muito bem cair nas águas do mar e se afogar.

Como a lua cheia iluminava o céu como um grande lampião, resolveu não levar lanterna, e saiu silenciosamente para não acordar a pequena Nick que se remexia na cama, murmurando qualquer coisa sobre estrelas, que Julie achou por bem não dar atenção, já que deveria ser

mais um sonho doido da irmã.

Desceu as escadas e atravessou a sala sem fazer ruído, para depois abrir a porta e adentrar na noite quente do verão norte-americano.

O carro do pai continuava estacionado ao lado da escada. Desceu pela mesma estradinha de terra por onde subiram no dia anterior, descendo o morro até as areias da praia. Tão logo chegou lá, encontrou as pegadas da avó, constatando que a idosa sequer tinha pegado a bengala, aumentando o risco de um acidente.

Seguindo os rastros da mulher, Julie chegou a vê-la do outro lado da pequena praia, até que ela sumiu por detrás de algumas árvores próximas ao paredão que se erguia até a casa de sua avó, que ficava logo acima.

Com medo de que demorasse muito e algo ruim acontecesse, ela começou a correr o máximo que pôde. Teria gritado, mas sabia que um susto poderia ser pior para a sua avó.

Quando chegou perto das árvores, já estava sem fôlego. Parou por um instante, arqueada com as mãos nos joelhos, depois retomou a caminhada em uma velocidade mais cadenciada. Estaqueou ao ouvir o som de vozes por trás das árvores, e uma delas parecia ser a de Loreta.

"Será que ela combinou de se encontrar com alguém? Mas a essa hora! Bom, se esse for o caso, ela não vai gostar nada de me ver. Melhor eu só espiar um pouquinho."

Esgueirando-se vagarosamente, a adolescente se embrenhou no meio das árvores, afastando alguns galhos até que conseguiu enxergar a silhueta da avó, porém sem distinguir quem eram as pessoas que a acompanhavam. Ficou com medo de tentar aproximar-se mais e ser descoberta, por isso preferiu ficar ali apenas ouvindo, até porque precisava retornar para casa antes que sua avó a visse ou fosse à sua frente e trancasse a porta. Se já era ruim que ela descobrisse que fora seguida, imagine se também soubesse que Julie ficara ouvindo a conversa.

– ... achei que não viriam – conseguiu ouvir a avó dizer para alguém. – Tive medo de que demorassem mais e estragassem o plano.

"Quem ela achou que não viria e de qual plano está falando?", Julie perguntou para si mesma.

Um segundo depois, uma voz fina e delicada, a qual não conseguiu decifrar se era feminina ou masculina, respondeu:

– Também tivemos medo de não chegar. Não podíamos deixar você e Archenar sozinhas. Mas estamos aqui. Agora precisamos agir imediatamente.

"Quem é Archenar?"

– Não – sua avó respondeu parecendo temerosa. – Quero dizer, não devemos nos precipitar. Aconteceram alguns imprevistos... – ela parou de falar por alguns instantes como se estivesse com receio de continuar. – A menina não sabe de nada. Não sabe *quem é*! – explicou, e Julie, escondida entre as árvores, se perguntou se por acaso *ela* era a menina da qual falavam, ou até quem sabe sua irmã Nicolle.

A outra voz demorou-se para responder, provavelmente refletindo sobre o peso da

resposta de sua avó, e quando Juliette já estava pensando em voltar, ouviu-a dizer:

– Isso não é bom. Significa que vamos ter que levá-la, sabendo ou não. Já esperamos tempo demais para isso...

– Eu sei – Juliette viu a avó concordar com a cabeça. – Dê-me alguns dias que eu me encarrego disso. Não se esqueça que também há a família dela, e que *Lemurius* disse para sermos discretos.

– Coisa que não aconteceu há sete anos – observou a voz. – Se tivessem descoberto a verdadeira causa do incêndio, nós teríamos graves problemas...

– *Meu Deus!* – Juliette deixou escapar sua surpresa, e pelo jeito isso não passou despercebido para as demais pessoas.

A menina, então, ouviu passos se enroscando contra as folhas cada vez mais perto, e o rosto surpreso e alarmado de sua avó se aproximando ao vê-la escondida entre as árvores a ouvir a conversa. Queria dizer alguma coisa para ela e lhe explicar porque estava ali, porém no mesmo instante voltou a ouvir o mesmo ruído do dia anterior naquela floresta na estrada, só que dessa vez o barulho estava duas vezes mais alto em sua cabeça. Fechou os olhos, colocando as mãos nos ouvidos, arqueando de dor. Voltou a sentir uma forte onda de calor, e quando abriu os olhos só conseguiu ver dois vultos estendendo as mãos em sua direção e dois pares de olhos extremamente brilhantes, antes do som se tornar insuportável e ela perder os sentidos. Então, tudo ficou escuro.

***

Chamas vermelhas devoravam o galpão quando o carro estacionou e seu pai ficou na dúvida entre correr e entrar no lugar ou segurar a menina que havia desmaiado em seus braços ao ver a cena. Loreta estava suja de fuligem, sentada no chão com um bebê nos braços. Tudo à sua volta se resumia em uma palavra: *caos*.

Em seguida, a cena mudou: sua avó estava sentada em uma cadeira de balanço com uma formiga gigante de cor cinza ao seu lado, segurando em seus dedos um palito de fósforo, ao mesmo tempo em que sorria para ela.

"... Se tivessem descoberto a verdadeira causa do incêndio, nós teríamos graves problemas..." – ela dizia, e em seguida riscava o fósforo e o jogava no galpão, fazendo tudo explodir em chamas, enquanto o ruído atormentava sua cabeça, misturado com o som da voz de Ângela gritando por Sirius.

– Mamãe!

Juliette acordou aos gritos, com a respiração pesada, sentindo os curtos cabelos castanhos grudados em sua testa. O terror do sonho mesclava-se com a lembrança da conversa de sua avó, por isso demorou alguns instantes para perceber onde estava. Olhando em volta, notou o pequeno quarto com a cama de sua irmã desarrumada, a janela aberta por onde os raios do sol penetravam e o barulho de panelas batendo no primeiro andar.

"Não me lembro de ter voltado pra cá", foi o seu primeiro pensamento.

Desvencilhou-se das cobertas e se sentou na cama, abraçando as próprias pernas e tentando organizar e dar algum sentido às palavras que ouviu naquela conversa. Se bem lembrava, tinham falado sobre levar uma garota para algum lugar. "Mas onde? E qual seria a garota? Eu?" Lembrou-se também que haviam comentado que essa garota não sabia a respeito de algo importante. "Mas o quê?" A menção a um pai e uma irmã só a faziam crer cada vez mais que a vovó Loreta estava conversando sobre ela. "E se era eu, porque falava assim de mim?" Porém, não era isso que a atormentava mais, mas a menção ao incêndio que levara a vida de sua mãe, o qual foi classificado como acidental pelos policiais. "Se tivessem descoberto a verdadeira causa do incêndio, nós teríamos graves problemas", pensava consigo, lembrando-se da conversa que ouvira. Aquela frase não parava de se repetir e atormentar a sua cabeça. Por que a voz disse isso para Loreta? "Poderia o incêndio não ter sido acidental e sim um ato criminoso e premeditado? E o que minha avó tem a ver com isso? Será que... Não, não pode ser, eu não posso acreditar nisso... Mas e se for verdade? E se minha avó tivesse provocado o incêndio?"

Juliette não podia acreditar naquela hipótese. Na realidade, não queria acreditar naquela hipótese. Poderia a velha, inofensiva e simpática Loreta Brown ter feito algo tão tenebroso com sua própria filha, que, naquela época, tinha uma filha de apenas três anos? E a outra questão era: *Por quê?*

As perguntas fervilhavam em sua mente até que percebeu uma coisa à qual não havia dado atenção anteriormente.

Ela estava no quarto.

Vagamente se recordava de estar escondida atrás das árvores e dos olhos brilhantes e mãos esqueléticas que se dirigiram até ela. Talvez a sua avó lhe trouxera até ali. Porém, essa possibilidade absurda foi logo descartada, afinal sua avó já tinha 76 anos e não seria capaz de carregá-la até ali. Quem seriam as outras pessoas? Se fosse um homem, ou alguém mais jovem, havia boas chances de ter conseguido realizar essa tarefa, mesmo que com um pouco de dificuldade.

"Mas e se isso nunca tivesse acontecido? Que provas eu tenho de ter estado realmente na praia, às três da madrugada?"

Olhou para o chão e viu os chinelos colocados na exata posição em que lembrava tê-los deixado quando se deitou para dormir. Pegou um deles conferindo a parte de baixo, não encontrando nenhum vestígio de areia. Ao verificar seu aparelho celular, percebeu com espanto que ele estava desligado, enquanto que na sua memória tinha certeza de que o havia ligado para conferir a hora. Tudo isso devia ter sido um sonho.

"Sim, um sonho!" Concordou para si mesma. "É a explicação mais lógica."

Claro que devia ser isso. Ela ficou duas horas viajando dentro de um carro no dia anterior, indo para um lugar contra a sua vontade. Passou por uma situação muito estranha na floresta, chegou a um lugar recheado de lembranças traumáticas e terminou o dia com conversas estranhas com sua avó sobre sua mãe e um tal de Sirius. Naturalmente, sua mente traduziu isso

em sonhos sem nexo algum. Mas uma coisa não podia negar: o sonho de ter seguido Loreta parecia ser bem real.

Logo em seguida, ouviu algumas batidas na porta, que foi aberta, revelando o rosto radiante de sua irmã.

– Ah, então hoje a dorminhoca é você, não é? – falou a pequena, fazendo uma bolinha branca quicar para cima, enquanto ficava batendo nela com uma raquete de tênis de mesa. – Legal, não é? – perguntou sem tirar os olhos da bolinha. – Foi a vovó quem me deu. Disse que o vovô costumava brincar com isso. E você, senhorita Julie, pode esquecer o café, porque já estamos servindo o almoço. Venha! O papai não quer que você passe o verão todo dormindo – terminou de dizer e sumiu pelo corredor, a continuar batendo a bolinha.

Ao levantar-se, tentou imaginar qual seria a reação da vovó quando a visse. Tirou o pijama e o trocou por uma blusa amarela folgada, que deixava sua barriga de fora, e um *shorts* branco. Calçando os chinelos, desceu as escadas e viu, pela janela da sala, Nicolle brincando com o novo, e ao mesmo tempo, velho brinquedo do lado de fora. Percebendo que Loreta e Rick ainda estavam na cozinha preparando o almoço, ela foi até lá com a intenção de ajudá-los.

– ... e quando pretende contar pra ela? – ouviu a voz de sua avó perguntar.

– Não sei, mas será logo. Ela precisa saber – seu pai respondeu.

– Saber o quê? – Juliette perguntou intrigada assim que entrou na cozinha.

Seu pai olhou para ela espantado, depois para a avó, que abaixou os olhos e voltou-se para o fogão.

– Tenho que contar para Nicolle que acho que vamos mudá-la de escola, para uma mais perto de casa – ele falou com um sorriso torto. – E você bem sabe que ela não vai querer se afastar dos amigos.

– Ah! – Julie se limitou a dizer, parecendo não acreditar muito na desculpa.

Loreta, que estava remexendo o conteúdo de uma panela com uma colher de pau, voltou-se para ela imediatamente.

– Olá, meu bem, bom-dia pra você. Sei que está cansada, mas tivemos que mandar Nick acordá-la para o almoço. Além do mais, está fazendo um dia bonito e é um pecado não aproveitá-lo – ela falou sorrindo, com seus cabelos dentro de uma toca de plástico. – E como foi sua noite?

Juliette tinha certeza de que havia deixado sua tensão transparecer. Ficou dura com a indagação de sua avó, pensando se ela não estava tentando descobrir o que sua neta lembrava. Para não demonstrar ainda mais seu nervosismo, tentou relaxar os ombros e respondeu da forma mais casual possível.

– Bem. Tive apenas alguns sonhos estranhos, nada demais.

– Isso é normal, minha neta, ainda mais depois de uma viagem cansativa – observou Loreta.

– Bom, eu vou deixar as verdadeiras cozinheiras conversando e vou pôr a mesa.

– Claro, Rick, e obrigada mais uma vez pela ajuda.

Ele apenas acenou com a cabeça positivamente e saiu.

– Então, vovó, o que deixaram para eu fazer? Se é que deixaram alguma coisa.

Loreta riu com sinceridade.

– Já que é sua vontade ajudar, pode preparar a limonada. Há alguns limões na geladeira e uma jarra de vidro naquela prateleira.

Seguindo as suas instruções, Julie pegou quatro limões da geladeira e colocou-os em cima do balcão, depois precisou ficar na ponta dos dedos para alcançar a pequena porta da prateleira que ficava no alto. Finalmente pegou a jarra e se virou para ir até a pia a fim de enchê-la com água. Foi então que seus olhos recaíram para a chaleira de alumínio que estava no fogão, que, como um espelho, refletia o corpo de Loreta. Em vez dos cabelos brancos e do rosto enrugado, Julie viu uma face lisa, cuja pele era branca como o leite, e longos cabelos dourados.

Soltando um grito de susto, a jarra imediatamente escorregou de suas mãos, espatifando-se no chão com um som estridente, seguido de vários cacos de vidros que explodiram por todos os lados, alguns inclusive atingindo e cortando sua perna.

– Meu Deus! – Loreta exclamou. – Minha neta, você está bem?

Julie não respondeu de imediato. Seus olhos passaram de sua perna, por onde filetes de sangue escorriam e tingiam sua panturrilha de vermelho, para a outra mulher, cujo reflexo na chaleira não parava de surgir em sua mente.

Loreta tentou aproximar-se da neta, que ainda estava em estado de choque, mas esta recuou assustada.

– Tudo bem, Julie. Eu vou cuidar disso e prometo que nem vai doer.

Num segundo a idosa sumiu de vista, e no outro apareceu com uma maleta cheia de remédios e instrumentos de primeiros socorros.

– Sente-se aqui – Loreta pediu, puxando uma cadeira longe dos demais estilhaços de vidro.

Relutante, a jovem ficou um segundo sem se mover, lembrando da forma esbranquiçada que vira alguns instantes atrás. Mas o que era aquilo realmente? Sua avó Loreta não é assim de verdade. Estava vendo-a na sua frente com a aparência que sempre tivera desde que sua memória podia lembrar, e agora estava julgando-a por um reflexo distorcido em uma chaleira. É normal que objetos assim desfigurem as pessoas quando as refletem, e com certeza esse era o caso que acontecera há pouco. Na verdade, achava que todo esse temor estava associado com o sonho estranho, por isso concluiu que o melhor era esquecer tudo isso e aceitar a ajudava que estava sendo oferecida a ela.

Em seguida, concordou com a cabeça e aproximou-se de Loreta, fazendo-a sorrir ao se sentar. A idosa, com certa dificuldade, inclinou-se sobre ela, ficando de joelhos e fazendo com que Juliette fosse invadida por um grande sentimento de compaixão ao perceber o esforço que ela devia estar fazendo para ajudá-la. Viu quando ela tirou uma pinça de dentro da caixa e começou a tirar alguns pequenos pedaços de vidro que ainda estavam espetados em sua perna.

Fechou os olhos para não ver a cena, que parecia lhe causar mais dor. Podia sentir quando os estilhaços eram tirados e jogou a cabeça para trás enquanto sua perna latejava. Começou a respirar de forma calma e profunda, torcendo para que aqueles medos bobos se esvaziassem dela como o ar que sai de um balão furado.

Então sentiu algo gelado passar por toda sua panturrilha e, de olhos fechados, concluiu que deveria ser um pano molhado, usado para limpar o sangue que escorria e sujava o chão. Porém, alguns segundos depois, a sensação refrescante veio acompanhada de uma sequência de... *sucções!*

Imediatamente estranhou aquele fato, pois nunca havia ouvido falar de nenhum aparelho que sugava o sangue enquanto limpava um ferimento. Ao abrir os olhos a fim de descobrir o que era, teve vontade de gritar e vomitar: vendo-a com as bochechas vermelhas, acompanhadas de uma expressão selvagem e feroz, Julie podia jurar que, em toda sua vida, Loreta Brown jamais adorou lamber e chupar um sorvete do mesmo modo que estava gostando de chupar o *sangue* de sua perna!

***

– Vovó! – Foi a primeira e única palavra que conseguiu dizer assim que recuperou a voz, após o choque da cena repugnante.

Quando sua avó finalmente desgrudou a boca de sua perna, ela levantou-se e saiu de perto da idosa com os olhos esbugalhados. Enquanto isso, Loreta estava numa situação macabra e cômica ao mesmo tempo: ajoelhada, com as bochechas e os lábios lambuzados com o sangue rubro, tinha um semblante atônito, como se ela própria não acreditasse no que acabara de fazer.

– Minha neta... eu... – ela disse ainda desnorteada. Então se apressou em enxugar o sangue do rosto com o auxílio do avental de cozinha que vestia. – Estou tão envergonhada – acrescentou no instante em que terminou de se limpar e ficou em pé, olhando para a neta assustada, que estava parada em pé contra a parede. – Não se assuste, permita-me explicar. Isso é tão vergonhoso... – fez uma pausa e, respirando fundo, acrescentou: – Isso não é o que você está pensando, seja lá o que estiver pensando. A verdade é que eu tenho um segredo que apenas minha mãe e meu pai conheciam...

Juliette prendeu a respiração, torcendo para que seu pai voltasse logo para a cozinha, antes que sua avó revelasse que era algum tipo de mostro que bebia sangue.

- ... eu tenho *Porphyria Hemofílica* – ela explicou por fim.

– Tem o quê? – Julie pegou-se perguntando, mais pelo seu tradicional instinto de sempre querer saber mais sobre as coisas do que por interesse na história de sua avó.

– *Porphyria Hemofílica,* minha neta – ela suspirou. – É uma doença conhecida mais popularmente como *Vampirismo*.

– Ah!

– Sim, eu sei que é estranho. Quando eu era pequena, costumava beber o sangue de meus

próprios ferimentos. Isso pode parecer normal, pois qualquer criança faz isso, principalmente quando corta o dedo, mas eu fazia isso em qualquer ferimento. Certa vez, meu pai cortou a mão, e eu não resisti. Então, ele e minha mãe ficaram preocupados e levaram-me a um médico. Foi ele quem me explicou que eu tenho esse distúrbio. Desde então tento me controlar – ela abaixou a cabeça visivelmente envergonhada. – Não sei o que me deu hoje.

– Tudo bem – Juliette respondeu, ainda sem saber se realmente acreditava naquela história bizarra. – Sei que deve ter sido... muito difícil para a senhora dizer isso.

Ela concordou com a cabeça.

– Será que então isso podia ficar só entre nós? Ser o nosso... *segredinho?*

Depois de um tempo em que passou pensando, respondeu:

– Está bem...

Nesse momento, seu pai e Nicolle apareceram, e Loreta lançou um olhar de "Por favor, não diga nada". A pequena garota se espantou com o ferimento na perna de Julie.

– O que aconteceu? – seu pai perguntou.

– Nada de mais – apressou-se em dizer Juliette. – Só derrubei a jarra de vidro na minha perna quando fui fazer limonada.

– Quer que eu ajude a cuidar do ferimento? – ele perguntou.

– Não, podem terminar de arrumar a mesa. Deixem que eu mesma cuido disso sozinha no banheiro e logo me junto a vocês.

Os três concordaram após mais umas tentativas insistentes de Richard, que achava melhor levá-la para fazer um curativo no hospital. Julie concordou em ir até um médico mais tarde e, então, pôde ficar sozinha. Loreta foi a última a sair, não sem antes deixar de lançar um olhar de agradecimento para a neta pelo seu silêncio.

Rapidamente a garota recolheu os curativos na caixa e foi até o banheiro, sentindo uma pontada de dor na panturrilha toda vez que pisava com o pé direito.

Agora, sozinha no banheiro, sentou-se na privada e aproveitou os minutos que levou para limpar a ferida e estaquear o corte com gaze, enrolando com uma atadura de crepe, para pensar em todos os eventos que tinham acontecido em menos de 24 horas. Será que ela estava ficando igual àquelas mulheres paranoicas que veem algo estranho em tudo? Era uma possibilidade. Contudo, era fato que estavam acontecendo coisas estranhas demais para que pudesse crer que tudo fosse fruto de sua imaginação. Recapitulou os eventos: os olhos na floreta à beira da estrada, seguidos do intenso calor e do ruído estranho; as vozes na casa da avó que estava vazia; a impressão de ter visto uma mão esquelética e branca fechar a porta do quarto na noite anterior; a conversa da avó no meio da madrugada com uma criatura misteriosa que falava sobre levá-la e ainda citara o incêndio; e, agora, a imagem na chaleira e a cena de sua avó lambendo o seu sangue.

Seu maior desejo era entender tudo isso. Mas, por mais que tentasse, a única conclusão que vinha em sua mente era que todo o estresse da viagem tinha deixado-a muito abalada, por isso sua mente estava começando a criar coisas. Claro que o episódio com a sua avó foi bem

real, mas se ela tinha realmente aquela doença estranha, por que deveria duvidar e dar mais margem ainda para aquelas maluquices?

Com medo de que esses pensamentos acabassem deixando-a louca, guardou o *kit* de primeiros socorros na prateleira do banheiro e, após lavar as mãos e o rosto, seguiu em direção à sala de jantar, determinada a comer e passar a tarde fazendo um passeio na praia, para aliviar aquela tensão. Achava que assim poderia tirar aqueles pensamentos da cabeça, antes de dar uma passada no hospital mais próximo, deixando nas mãos de enfermeiras especializadas os cuidados com os seus cortes.

Todos já estavam à mesa servindo-se de *fried chicken with mashed potatoes* (frango frito com purê de batatas e molho de pimenta). Como salada, sua avó havia preparado *Fatuche,* uma receita da culinária árabe. Julie notou também que alguém havia feito a limonada, que estava em cima da mesa em um jarro verde de plástico.

– Como está sua perna? – Richard perguntou de prontidão, logo depois de engolir um generoso pedaço de frango.

– Melhor – respondeu. – Ainda lateja um pouco, mas vai passar.

Loreta se virou para a neta quando esta se sentou na cadeira ao seu lado.

– Lamento que isso tenha acontecido, Julie.

Sem conseguir olhar direito nos olhos da idosa, por ainda estar atormentada com os acontecimentos recentes, respondeu apenas concentrando-se em preparar seu prato:

– Tudo bem, a senhora não teve culpa.

Na frente, Nicole, que hoje fizera uma comprida trança em seu cabelo, devorava a comida com avidez e com uma velocidade incrível. Abocanhava grandes pedaços de frango e de batatas, depois tomava uma boa quantidade de refresco para ajudar a descer o alimento, até que se engasgou e tossiu um pouco.

– Calma, Nick – Richard disse. – Quem vê você assim diz que não lhe damos comida há uns três dias. Por que tanta pressa?

– É que eu quero ir lá fora encontrar as formigas gigantes.

Rick suspirou.

– Minha filha, já lhe dissemos que formigas gigantes não...

– Mas eu vi, pai! – interrompeu ela. – Vi uma ontem à noite, depois da chuva de estrelas cadentes. Havia uma nos observando aqui perto de casa.

– Formigas gigantes? – perguntou vovó Loreta, intrigada.

– Ontem, quando estávamos viajando de carro, Nicolle nos contou que viu uma formiga em uma foto que tiramos na nossa última visita – Richard explicou. – Era gigante e cinzenta, segundo ela.

– É, e ontem vi uma de novo – confirmou a garota.

– E como ela era? – Loreta quis saber, para a surpresa de Juliette e Rick, que olharam para ela como se tivesse ficado completamente louca em acreditar nessas histórias infantis.

– Ora, era como toda formiga deve ser. Só que grande e cinza.

Por alguns segundos, Loreta parou de comer, colocando os cotovelos na mesa e cruzando os dedos das mãos de forma pensativa. Suas linhas na testa estavam franzidas, com as rugas no rosto mais acentuadas.

– Parece que ficou preocupada com alguma coisa, Loreta – Richard observou enquanto pegava mais uma porção de batatas.

Ela olhou para ele voltando de seus devaneios.

– Não, não, Rick. Só fiquei imaginando se não seria nenhum animal perigoso.

– Não precisa ter medo, vovó – Nicolle disse com ar de quem queria parecer corajosa. – Eu já conversei com ela.

Engasgando-se com a comida ao ouvir isso, o pai de Nick precisou beber uma boa quantidade de limonada para se recuperar e respirar fundo.

– Você falou com ela? – perguntou incrédulo.

– Sim.

– E o que ela disse? – quis saber para testar a garota e ver até onde ia aquela historinha sobre formigas gigantes.

– Disse que logo um de nós teria que fazer uma viagem...

Nesta hora, foi a vez de Loreta e Julie se engasgarem ao mesmo tempo. Uma olhou para a outra de modo espantando, enquanto na cabeça da adolescente passava um turbilhão de coisas: "Poderia o meu sonho ter sido real, e não fantasia da minha cabeça?", perguntou-se. "Não, isso não é possível. Mas vovó tinha conversado sobre algum tipo de plano, e a ideia de levar alguém para algum lugar. Então seria isso? Meu Deus! Talvez a minha avó estivesse conversando com essa tal de formiga gigante!" Era uma possibilidade absurda e bem infantil, na verdade. Formigas gigantes não existem. Mas ela viu alguma coisa estranha no reflexo de Loreta na chaleira. Talvez não fossem formigas, mas criaturas demoníacas. Sim, demônios, essa era a única explicação, embora ela mesma não acreditasse que essas coisas existissem. Porém, existindo ou não, já estava começando a ficar com medo, e a simples companhia de sua avó ao seu lado já era o suficiente para lhe causar calafrios. A idosa também tinha engasgado, o que tornava os indícios cada vez mais fortes. A conversa na praia não foi um sonho, foi *real*.

– ... parar de contar historinhas na mesa – ouviu seu pai dizer a Nick, que estava cabisbaixa, quando voltou de seus pensamentos. – Sei que você diz que viu, e eu não quero duvidar de você, mas não é hora disso, está bem?

A menina assentiu.

Sem ter mais clima para ficar naquela mesa, com os nervos à flor da pele, Julie empurrou o prato para frente e levantou-se.

– Acho que não estou mais com fome. Vou fazer uma caminhada na praia.

– Tem certeza de que não quer comer mais nada? – Loreta perguntou, fazendo os pelos da nuca de Julie se arrepiarem quando cravou os olhos no olhar da outra, que pareciam cintilar de um jeito estranho.

– Tenho – murmurou.

– Se quiser, depois venha me ajudar, querida – seu pai gritou quando ela já estava quase na porta. – Vou estar no sótão para trocar o vidro quebrado daquela janela. Acho que sete anos esperando para fazer isso é muito tempo...

– Está bem! – Juliette respondeu e saiu.

***

Algumas nuvens encobriam o céu do lado de fora. O sol lutava incessantemente para se fazer brilhar entre elas, mas a linha negra no horizonte mostrava que aquele não seria um dia bonito para passeios. Vendo lá do alto as ondas do mar balançarem agitadamente contra a praia, torceu para que isso não fosse o prenúncio de uma tempestade mais tarde.

Ao passar em frente ao lugar onde ficava o velho galpão, desviou o olhar do que sobrou da oficina do avô. Não era muita coisa, é verdade, mas muitas vezes não é necessária mais que uma pequena imagem, um cheiro ou alguma frase para desatar todo um turbilhão de lembranças. As cenas daquele dia ainda estavam bem vivas em sua cabeça. Quando estava voltando com seu pai do mercado, que ficava na cidadezinha próxima à praia, viram de longe a grande nuvem de fumaça que tomava conta dos céus. Vovó Loreta, segundo o que ela mesma disse, estava dormindo dentro de casa com a neta, e acordou quando as chamas já consumiam todo o lugar. Os policiais nunca chegaram a definir a exata causa do incêndio e ninguém da família sabe dizer o que Ângela estava fazendo trancada lá e por que não fugiu enquanto ainda havia tempo. Os ossos do corpo carbonizado foram enterrados no cemitério da cidade. O pouco que ainda podia se lembrar de sua mãe naqueles últimos dias era uma mistura de um afeto muito protetor (mais do que o normal) e um estranho comportamento assustado. Fora o fato de ficar várias horas trancada sozinha no sótão. Nunca mais teve a oportunidade de lhe perguntar o que fazia lá.

Descendo o morro até a praia, ficou imaginando de que modo seu pai pensava que ela aguentaria ficar ali durante todo o verão. Além das lembranças ruins que povoavam sua mente, o lugar era praticamente uma região inóspita do país. Era, sim, um excelente local para quem buscava um retiro ou passar horas no sossego de uma tarde, lendo um livro ou simplesmente conversando consigo mesmo. Contudo, para uma garota da cidade, aquele lugar era uma prisão. Quando criança, Julie adorava passar as férias e os fins de semana na casa da avó. Naquela época, aquele era o único lugar no qual podia ser ela mesma, sem ter que se esconder das demais crianças por medo. Ela sempre foi diferente, e as outras crianças notavam isso e não deixavam escapar a oportunidade de transformá-la em um alvo de piadas. Somente após crescer e passar a se sobressair por conta da inteligência é que as chacotas deram lugar aos elogios. Agora, era difícil viver ali sem os amigos e outros jovens. Julie sentia-se cada vez mais isolada, distante da civilização.

Chegando à praia vazia, tirou os chinelos e pôde sentir a areia macia e fina entrar entre seus dedos. Naquele início de tarde, a areia estava gelada devido ao tempo nublado e lhe

trouxe uma sensação agradável que há muito tempo Julie não sentia. Fechou os olhos, esticou os braços e deixou-se apreciar a refrescante brisa que vinha do mar. Ali, naquele instante, acreditava que nada de mal podia lhe acontecer... até que um objeto duro cortou o ar como uma flecha, atingindo-a diretamente no rosto.

O impacto a deixou tonta. Caiu na areia de joelhos, após gritar um sonoro "*ai*", colocando as mãos na bochecha esquerda, apertando os olhos de dor. A maioria das garotas do seu colégio (ricas patricinhas cujo maior acidente foi quebrar uma unha) certamente estaria chorando de dor ou até, quem sabe (Julie não duvidava disso), teria desmaiado.

Ao abrir os olhos lacrimejantes na tentativa de visualizar o que havia se chocado contra o seu rosto, viu apenas um vulto negro avançar sobre ela e jogá-la para trás com a força do impacto. Julie permaneceu deitada na areia, com os cabelos espalhados pelo chão, imobilizada pela surpresa do ocorrido e pelo peso da criatura peluda. Uma voz ao longe parecia estar gritando "Caia, caia", no mesmo instante em que algo um tanto áspero molhava seu rosto.

– Saia de cima de mim – Juliette conseguiu dizer finalmente.

– Maia!

Quando o volume pesado saiu de cima de seu corpo, ela pôde respirar aliviada enquanto limpava seu rosto e observava um grande cão negro abocanhar uma bolinha verde, caída ali perto. Foi então que Julie compreendeu o que a atingira. O cachorro levou o objeto até um rapaz que apareceu como que vindo do nada. A garota achou gracioso o modo como ele sorriu para o animal e fez cafuné em sua cabeça quando pegou a bolinha para si. Ele era moreno e magro, fato este que também a motivou a tê-lo admirado tanto. O garoto era alto. Um dos muitos problemas encontrados por ela na cidade era o fato de os meninos serem mais baixos do que ela, e isso os inibia na hora de a chamarem para sair. Muitas vezes, deu graças por isso, afinal a maioria dos caras era idiota e exibicionista, mas outras vezes, principalmente nos momentos em que se sentia sozinha, odiava essa sua característica peculiar e estranha, principalmente porque ninguém da sua família podia se dizer alto.

Alguns segundos depois, percebeu que ele havia se aproximado dela. Tudo que conseguia fazer era ficar parada, encarando-o. Sorriu torto quando o jovem estendeu a mão para ela e arrependeu-se logo em seguida, quando sentiu uma pontada de dor na bochecha. Ele percebeu sua careta ao erguê-la e perguntou:

– Você está bem? – disse o jovem numa voz aveludada e com tom de embaraço. – Olhe, me desculpe, garota, eu juro que não vi que você estava aí, senão não teria jogado a bolinha. Não estou acostumado a ter companhia quando venho passear nesta praia. – Depois deu uma olhada para o animal negro que descansava ao seu lado com a língua para fora, fitando seus olhos como se sentisse que tinha sido esquecido. – E me desculpe também pela Maia, acho que ela gostou de você – completou ele.

Juliette olhou para a cadela e, quando seus olhares se encontraram, ela podia ter sentido qualquer coisa, menos prazer em vê-la. Nunca gostou de animais, principalmente de

cachorros. Sempre preferiu os gatos: mais discretos e que esbanjavam uma elegância natural.

– Tudo bem – ela falou –, acho que hoje não é o meu dia de sorte – ela esticou a perna enfaixada que agora latejava, fruto do esforço de ter se ajoelhado e depois sido forçada a se deitar quando Maia pulou em cima dela.

Ele fez uma carreta.

– É, pelo jeito sua vida não deve ser fácil.

– Não mesmo – ela concordou.

– Já sei – disse o rapaz. – Você é uma daquelas garotas desastradas que não se enquadram em quase nada que a maioria faz, e acham que por isso não são deste mundo?

Ela riu. Em poucas palavras, aquele garoto estranho tinha resumido toda sua vida de um jeito que talvez nem ela mesma fosse capaz de explicar melhor. Mas não deu o prazer a ele de saber disso.

– Ah, então é assim que me vê? Deixe-me tentar adivinhar... Você é um daqueles caras que adora acertar as garotas com uma bola de beisebol, mandar sua cadela derrubá-la ao chão, depois levantá-la e bancar o psicólogo – fitou ele por um instante enquanto ele sorria, depois concluiu. – Acertei?

– Isso mesmo, acertou em cheio.

Ela teve que rir novamente. Não se importou com as dores no rosto ou na perna ao fazer isso. Aquele rapaz tinha um estranho jeito que fazia com que se sentisse confortável como se estivesse em casa. Reparou que ele tinha um belo par de olhos azuis que ficavam muito acentuados com seus cabelos negros. Era muito bonito, uma verdadeira (e bem-vinda) surpresa naquele verão. Meg morreria de inveja quando Julie contasse que encontrou um gato no fim do mundo e que se conheceram quando ele nocauteou sua cabeça com uma bolinha.

– Você mentiu – ela falou.

Ele pareceu não entender, e as dobras de sua testa se enrugaram em dúvida.

– Como assim?

– É, você mentiu. Disse que essa praia é deserta, mas não é verdade – Julie apontou para o alto do morro. – Minha avó mora logo ali acima.

O rapaz cerrou os olhos em direção ao alto, vislumbrado o casebre branco de dois andares.

– Nunca a vi em meus passeios com Maia – ele explicou. – Sempre acreditei que fosse uma casa abandonada. É bom saber que você mora ali.

– Bom por quê?

– Porque agora terei mais um motivo para vir aqui, além de trazer minha cachorrinha para brincar.

Juliette se sentiu enrubescer.

– Você vai ficar morando com ela? – ele perguntou.

Julie balançou a cabeça.

– Não. Na verdade, eu vou ficar aqui até o final do verão. Um verdadeiro martírio –

concluiu bufando.

– Por que você não gosta da sua avó? Já sei, ela é daquelas velhas que lhe obrigam a ficar o dia todo fazendo tricô, falando do tempo em que as mulheres não deviam ficar mostrando as pernas. Depois ela tira uma soneca à tarde e pede para que você esfregue as costas dela enquanto toma banho.

– Não! – Julie negou, sem conseguir conter mais um riso. – A verdade é que... – ela parou um instante não sabendo como explicar, e quando percebeu as palavras já jorravam de sua boca. – Ela até é legal, mas... este lugar me traz lembranças tristes – sua voz quase sumiu quando ela completou. – Foi aqui que minha mãe morreu.

"Sou uma tola", pensou logo em seguida. Sempre soube controlar muito bem os seus sentimentos e evitava compartilhar mais que o necessário com os outros. Agora estava à beira do mar, contando as coisas mais íntimas de sua vida para um completo estranho. Por outro lado, não se sentia completamente culpada por isso, pelo contrário. Sentia uma onda de alívio dentro de si.

Ele olhava para ela com um olhar solidário que demonstrava uma certa dose de pena misturada com algo a mais, que estava além das capacidades dela distinguir o que era.

– Eu sinto muito – ele disse, e Maia latiu parecendo concordar com o dono.

– Já faz sete anos, está tudo bem. É só estranho ter que voltar aqui. É a primeira vez desde o acidente que levou a vida dela. – Então mudou o tom de voz melancólico e assumiu uma expressão mais descontraída. – E você, mora aqui?

– Não sei... – ele respondeu.

Ela estranhou.

– Não sabe? Como pode não saber se mora em um lugar ou não?

– Não sei... se devo ficar contando coisas para uma moça que ainda nem me disse o nome.

Ela não podia acreditar naquilo. O rapaz havia tocado em um ponto bem interessante. Enquanto ela havia desabafado fatos de sua vida, ele sequer havia dito como se chamava. Nem ela tinha se lembrado de perguntar o nome dele. Era como se já soubesse como se chamava, não exatamente pelo nome que as pessoas dão, mas por uma coisa mais profunda, talvez uma marca tatuada na alma. Uma marca que ficava escondida atrás de uma porta localizada dentro do olhar e que só podia ser aberta pelas chaves do amor.

Mas estava apaixonada por ele? Isso era paixão? Julie não sabia. Durante toda sua vida, desde pequena, quando lia os contos de fadas, tinha ouvido falar no famoso amor à primeira vista, quando o coração acelera e a voz falha... Não era bem isso que estava acontecendo naquele momento. Apenas... uma sensação confortável e gostosa como uma brisa de verão. Mas até as brisas passavam, e ela tinha certeza de que esse era os destino desses amores súbitos. Vinham, levantavam a poeira e, depois que tiravam tudo do lugar, iam embora e deixavam a bagunça por arrumar.

Acreditava que para amar era preciso conhecer. Porém aquele garoto misterioso estava mudando as suas concepções. Talvez amar era conhecer tudo do outro, mesmo sem saber

nada...

– Sou Juliette – respondeu ela. – Mas quase todos me chamam de Julie.

– Juliette... – ele disse o nome lentamente como se apreciasse uma doce bebida. – Nome bonito. Eu sou Raphael.

– Só Raphael?

– Bom, pode me chamar de Rapha...

– Não, eu quero dizer o seu sobrenome.

– Você não me disse o seu – ele protestou.

– Clare. Juliette Bellatrix Brown Clare.

– Legal. Eu sou Raphael Canopus.

– Você não parece ser daqui. Nunca ouvi falar em uma família com o seu nome.

– Na verdade, nos mudamos para cá faz um ano. Meu pai veio trabalhar em uma fábrica de vasos de vidro.

Juliette pensou em responder alguma coisa do tipo "Nossa, muito interessante", mas não viu nada de interessante em trabalhar em uma fábrica que produzia vasos de vidro, por isso achou melhor ficar calada e não dizer nada. Porém, isto fez com que se lembrasse que seu pai pediu ajuda para trocar o vidro quebrado da janela que ficava no sótão da casa, apesar de saber que ele não necessitaria realmente de ajuda para o serviço. Era uma das tradicionais desculpas de seu pai para arranjar um jeito de passarem mais tempo juntos. A morte de Ângela fez com que ele se esforçasse ao máximo para parecer um pai presente na vida de suas filhas. Julie sempre reconheceu esse esforço, no entanto, por mais tempo que passasse ao lado dele, sentia-se fria e distante, como se o seu corpo estivesse em um lugar, enquanto sua mente saía para passear por lugares desconhecidos. Por diversas vezes, foi invadida por uma sensação de ansiedade, parecendo uma voz que não cansava de repetir que estava perdendo tempo, que tinha que estar em outro lugar. Ao lado de Raphael, essa sensação tinha sumido, porém era a lógica que agia nesse instante em sua mente, dizendo exatamente onde ela devia estar.

– Tenho que ir – ouviu-se dizendo mesmo contra a sua vontade, reparando que o olhar dele pareceu murchar quando as palavras o atingiram. – Tenho que ajudar meu pai em algumas coisas.

Maia soltou dois latidos olhando para ela, depois deitou de barriga na areia como se não estivesse com a mínima vontade de ir embora.

– Tenho a impressão de que ela não quer que você vá embora – Raphael falou, seus lábios contraindo-se em um singelo sorriso, seus olhos cravados no rosto de Julie.

A garota não tinha tanta certeza em relação à cadela. A expressão dela, apesar de tranquila, lhe causava calafrios, contudo todos os cães lhe causavam esse efeito. Em relação a ele, no entanto...

– Não posso ficar mais. Podemos nos encontrar outro dia, eu tenho que ir...

– Fique – ele disse pegando em sua mão quando ela já estava se virando para voltar para casa.

Sentindo um ligeiro calor subir-lhe pelo peito ao simples contato com o rapaz, refez seus passos na areia e assentiu, com medo de dizer alguma coisa e sua voz acabar saindo fraca demais. Tinha que voltar para casa e ajudar seu pai, mas o que isso importava naquele momento? Teria o verão inteiro para passar com ele, arrumando janelas e até reformando a casa, se fosse preciso. Não tinha essa mesma garantia quanto a Raphael. Aquele dia poderia ser o primeiro e o único em que se veriam, e fazia uns bons anos que não apreciava uma boa companhia como a dele. A última foi exatamente sete anos atrás com sua mãe, porém uma sensação um pouco diferente daquela.

– Ótimo – ele falou quando a viu concordar.

Os dois se sentaram na areia, observando as ondas do mar se agitarem embaladas pelo vento que trazia nuvens escuras e ameaçadoras vindas do oeste. Maia, com a cabeça recostada no chão, adormeceu sobre a brisa leve, sem se importar com o barulho das vozes da conversa dos dois jovens. Falaram sobre amigos, comida, esportes preferidos, hobbies, filmes que assistiam na televisão e até um pouco sobre planos futuros. Julie achou muito interessante quando Raphael lhe contou sobre seu interesse por história e coisas antigas. Quando falou para ele que sua mãe chegou a trabalhar como arqueóloga, o jovem ficou muito entusiasmado, fazendo várias perguntas sobre ela e as descobertas que fizera nas escavações.

– Acho que devem ter vários objetos que ela encontrou guardados no sótão. Posso procurar alguns para lhe mostrar – ela comentou.

– Seria muito interessante – ele respondeu.

Os segundos viravam minutos, os minutos se transformavam em horas numa velocidade que não parecia típica do caminhar deles em comparação aos demais dias. Juliette certamente não teria percebido nada, se Maia não tivesse acordado e começado a latir. Ela olhava para o horizonte, onde o céu já estava tingido de negro e a casa da senhora Loreta Brown não passava de uma sombra no alto do morro.

– Acho que eu preciso ir pra casa – foi Raphael quem falou, levantando-se e sacudindo a areia do corpo, do mesmo modo que Maia fez quando se ergueu. – Parece que vem vindo uma feia tempestade.

Por mais que desejasse pedir para que o rapaz ficasse mais um pouco, seu bom senso dizia que ele tinha razão. Ela também deveria ter voltado para casa fazia algumas horas. Sabia que seu pai não devia estar preocupado, porque muito provavelmente viu-a sentada na areia conversando com Raphael pela janela do alto da casa. Com toda certeza ele perguntaria quem era ele, como todo bom pai sempre fazia nessas horas, e depois que ela contasse que o conheceu por acaso, diria para convidá-lo para um jantar qualquer dia desses a fim de conhecê-lo (mas Julie sabia que o real significado daquilo era *avaliá-lo*).

– Você mora perto daqui? Acho que não vai conseguir escapar da chuva.

– Não se preocupe, não é muito longe – ele ficou em silêncio por um longo instante, antes de prosseguir. – Nós vamos nos ver de novo?

– Claro – Julie respondeu. – Se você quiser.

Ele sorriu.

– Então até amanhã à tarde.

– Até – ela respondeu, e sem mais nenhuma palavra Raphael começou a correr pelas areias da praia, sem se virar para trás, escapando dos primeiros pingos de chuva que caíam do céu, com Maia latindo no seu encalço.

Não querendo se molhar, Juliette rapidamente calçou os chinelos e refez o caminho até a casa da avó, abraçando o próprio corpo em resposta ao frio dos pingos d'água, sabendo que, pela primeira vez desde que soubera da viagem, estava feliz.

***

"Eu devia ter deixado para tomar banho depois de sair daqui, e não ter tomado antes", Julie pensou depois de dar o seu terceiro espirro desde que entrara no sótão, levantando mais uma nuvem de poeira. Assim que chegou da praia, trêmula e encharcada pela tempestade que a pegou antes que chegasse em casa, foi direto para o chuveiro agradecida pelo calor da água quente que enchia o banheiro de vapor.

Vestiu-se e, com a toalha azul de sua avó ainda na cabeça, foi direto para o sótão verificar o trabalho de seu pai. Ele certamente brigaria por ela não ter passado em um hospital para cuidar melhor de seu ferimento. Quando trocou o curativo, percebeu que sua panturrilha estava um pouco inchada, porém achou que não haveria problemas se demorasse mais um dia até ir ao hospital. Tinha mesmo planos de visitar a pequena cidade vizinha e fazer algumas compras. Sabia que em sua consciência o motivo de ir até a cidade não era apenas isso, e sim visitar um outro lugar. *O cemitério*. Quando sua mãe morreu no incêndio, pouco restou de seu corpo carbonizado, a não ser alguns ossos que, após exames, confirmaram ser da antiga arqueóloga. Eles foram enterrados ao lado do túmulo de seu pai, que morrera quando a pobrezinha ainda era criança. Julie, porém, tinha medo de fazer essa visita. Era um medo bobo, bem sabia, que se baseava na simples aversão de ver o local onde repousavam os restos de sua mãe. Aquilo era estranho para ela. Não tinha certeza se acreditava em céu e todas essas questões de vida após a morte, por isso tinha essa aversão por túmulos. Fazer uma visita ao cemitério era encarar a dura realidade da vida: só temos certeza da morte; um dia teremos que abandonar aqueles que amamos. Isto a assustava. Queria olhar para as estrelas e ter a certeza de que havia um sentido para tudo isso, do mesmo modo que sua mãe sentia quando as olhava, mas não conseguia. Esperava um dia conseguir.

– Por que você está com a sua bochecha roxa?

A voz de Nicolle assustou Julie, que quase derrubou no chão uma caixa de papelão empoeirada que ela estava tirando de cima de uma estante quebrada.

"Como ela conseguiu enxergar isso?" Juliette tinha certeza de que ninguém notaria a marca que a bolinha de beisebol tinha deixado em seu rosto. Analisando-a no espelho mais cedo, percebeu que não se tratava de nada alarmante e decidiu cobrir o local com um pouco de maquiagem, sorrindo satisfeita por ter feito um bom trabalho. Só não contava com a alta

percepção de sua irmãzinha detalhista, que não deixava passar nada despercebido, mesmo ali sob a luz fraca da lâmpada.

– Eu caí – disse simplesmente. Não queria contar nada sobre Raphael tão logo, a não ser que perguntassem algo sobre ele. E ainda assim não tinha a intenção de mencionar o fato do pequeno incidente.

– Deve ser muito desastrada para cair direto de cara no chão.

"Maldita diabinha, eu deveria ter inventado uma desculpa melhor", concluiu mentalmente.

– Mas menos mal, não é? – ela continuou dizendo de uma forma que parecia despreocupada, depois sorriu maliciosamente. – Por um momento eu pensei que pudesse ser por causa daquela coisa que o garoto jogou no seu rosto.

"Nunca subestime sua irmã mais nova."

– Bico calado – Juliette falou baixinho, aproximando-se dela, para não correr o risco de seu pai ouvi-las. – Foi só um acidente, ele não tinha a intenção de fazer isso. Estava só jogando a bolinha para a cadela dele pegar.

– Claro, claro. Eu acredito. Mas é melhor contarmos para o papai antes que ele pense outra coisa, não é?

Julie tinha vontade de esganá-la, porém se conteve e disse:

– Garota, você não tem coisa melhor pra fazer do que ficar me incomodando?

Nicolle cruzou os braços, depois pôs a mão direita no queixo e ficou encarando o teto com uma expressão sonhadora e pensativa, emitindo sem parar um sonoro "*uhm*...", até que após alguns instantes concluiu.

– Na verdade, não, não tenho. Reclamei hoje com o papai que já não tem mais nada pra fazer nessa casa. Mas...

– Mas o quê?

– Se talvez eu encontrasse alguém que pudesse me levar ao parque amanhã, certamente eu teria o que fazer e não teria tempo para contar ao papai que...

– Está bem! – Julie falou impaciente, entendendo o jogo da irmã. – Eu levo você.

Os olhos de Nick se arregalaram do mesmo modo que o largo sorriso que surgiu em seus lábios, quando ela pulou no pescoço da irmã.

– Verdade, Julie? Você promete que me leva?

– Eu prometo – respondeu sorrindo, admirando-se do fato de que muitas vezes esquecia que sua irmã ainda era uma criança...

– Obrigada, eu adoro você – falou e saiu saltitando de volta para o andar de baixo, porém antes de sair, disse: – Ah, já que você é tão boa comigo, acho que vou ter que lhe dizer. O papai viu quando aquele garoto lhe acertou no rosto – ela riu. – Ele comentou com a vovó que teria que conversar com você sobre isso, e eu, na verdade, só escutei. Obrigada por prometer me levar ao parque. Adoro você, não se esqueça. – E saiu cantando mais uma das músicas de seu infinito repertório infantil.

"Mas é uma criança muito esperta...", teve que admitir para si mesma.

Sozinha no sótão, Julie ainda deu mais dois ou três espirros quando começou a remexer em várias caixas de papelão velhas. Em algumas encontrou peças de roupas antigas que provavelmente pertenceram a sua bisavó, até onde sabia. Queria saber onde sua mãe guardava os objetos que encontrava nas expedições para mostrar a Raphael. Seus pensamentos voltavam segundo após segundo naquele rosto moreno e sorridente. Queria impressioná-lo da próxima vez que se encontrassem, e talvez até pudesse mostrar o quanto era inteligente. Certamente ele não era como os demais garotos idiotas que só apreciavam o corpo das garotas. Ele devia ser diferente.

Perdido entre um vestido e outro estava um porta-retrato empoeirado que revelava a imagem de uma senhora austera de aspecto severo e nariz aquilino. A mulher tinha sobrancelhas espessas, quase grudadas uma na outra, e longos cabelos negros presos em um coque. Estava sentada em uma poltrona, e em seu colo acomodava-se uma garotinha de uns quatro ou cinco anos. "Vovó Loreta", foi o primeiro pensamento de Julie ao vislumbrar a menininha na foto em preto e branco. Porém, depois de dar uma olhada mais atenciosa, viu uma estranha cicatriz em forma de um "x" bem no queixo da menina. Foi nesse momento que aquela imagem lhe pareceu como um farol aceso na noite de sua memória. Poderia fazer dez anos, talvez até mais. O importante é que se lembrava vagamente de ter perguntado a sua avó como conseguiu aquela cicatriz, e se não estivesse enganada, a resposta que obteve é que aquela era uma marca de nascença.

Julie parou por um instante segurando o porta-retrato na mão, franzindo o cenho enquanto forçava a memória para recordar-se do rosto de Loreta no dia em que chegaram. E não se lembrava de ter visto nenhuma cicatriz. Isso era estranho, justamente porque marcas de nascença não somem do nada. É verdade que isso podia ter passado despercebido, por isso prometeu a si mesma que, na próxima vez que a encontrasse, olharia com mais atenção. Mas o que estava querendo com tudo isso? Por que teria que olhar se sua avó ainda estava com a marca? Talvez tivesse sumido com as rugas da velhice. E por que uma simples cicatriz significava tanto? A verdade é que Juliette ainda estava confusa com todos os acontecimentos. Não podia esquecer a cena de Loreta lambendo o sangue de sua perna pouco antes do almoço, da imagem refletida na chaleira e do sonho que nem sequer tinha certeza se era sonho. Tudo tinha feito com que visse sua avó com outros olhos, mas agora estava parecendo um exagero ridículo. Devia parar de ficar procurando agulhas em um palheiro. E tudo por quê? Por achar que sua avó não era realmente sua avó? Que tolice... Se não fosse, seria o quê? Uma formiga gigante? Teve que rir de si mesma. Ainda assim decidiu que se certificaria sobre a cicatriz.

Uma aranha saiu andando com suas perninhas a agitar-se apressadamente, chamando sua atenção. Sem pensar duas vezes, Julie pegou e deu-lhe uma chinelada com vontade, esmagando a pobre aracnídea. Detestava animais pequenos como aranhas, moscas, besouros e coisas do tipo. Eles eram...

– Mas o que eu fiz? – murmurou baixinho para si mesma.

Ao mover-se para recolocar o chinelo no pé, seus olhos recaíram-se no chão, onde parecia

que o impacto da chinelada havia feito uma pequena abertura. Que era mais forte que muito garoto, isso ela sabia, mas jamais imaginava que pudesse causar um estrago daqueles com apenas uma pequena pancada. Movendo seus dedos para analisar o estrago, percebeu que na verdade ela apenas havia afundado um pedaço de uma tábua de madeira. O estranho, constatou ela, foi notar algo que não havia visto antes. Próximo à ponta da tábua havia um pequeno orifício, mas muito pequeno mesmo, e que lembrava o buraco de uma fechadura.

A ideia de ter descoberto um compartimento secreto no sótão animou-a, apesar de saber que era uma coisa improvável. No entanto...

Aproveitando que a caixa de ferramentas que seu pai usara para trocar o vidro da janela ainda estava ali, pegou uma chave de fenda. Enfiou a ponta para dentro da abertura da tábua rebaixada e, fazendo uma espécie de alavanca, fez força até que a tábua quebrasse, voando para cima. Uma nuvem de poeira levantou-se, fazendo-a tossir e espirrar. Do lado de fora da casa, podia ouvir o forte crepitar da chuva contra o telhado, e após abanar um pouco de poeira com as mãos, finalmente pôde olhar para baixo e viu que estava *certa*. Um pequeno compartimento escondido no chão de madeira, revestido com cimento nas laterais, guardava uma pequena caixa de sapatos.

Cuidadosamente, Julie tirou a caixa e soprou a fina camada de poeira e teias de aranha que cobriam a tampa antes de pousá-la em cima de uma mesinha perto da janela. Seus olhos brilhavam só de imaginar o conteúdo que estava escondendo a pequena caixa. Tinha certeza que devia ser algo muito importante para ter ficado guardado em um compartimento oculto no sótão. Mas de quem seria? Poderia muito bem ser alguma coisa de sua bisavó, até joias, quem sabe, embora duvidasse disso. Ou talvez a dona da caixa fosse a própria Loreta. Nesse caso, Julie teria que ver tudo logo e devolver no mesmo lugar, além de tentar dar um jeito no estrago no chão, antes que ela pudesse perceber que alguém mexeu em suas coisas.

Tirando a tampa, seus olhos azuis recaíram sobre as únicas duas coisas visíveis naquele primeiro momento. Uma era uma pequena pedra vermelha que parecia emitir um brilho opaco, que Juliette concluiu que deveria ser o reflexo da lâmpada que brilhava acima de sua cabeça. A outra era um caderno não muito grande, de capa azul escura, com o desenho de uma estrela brilhante bem ao centro. Pegou-o com a intenção de folheá-lo e descobrir a quem pertencia, embora soubesse, pela aparência dele, que devia ser de alguém não muito velho. O problema é que ele estava trancado e só poderia ser aberto com uma chave que se encaixasse naquela abertura em forma de... *o coração de Julie quase parou.*

Os dedos da jovem roçaram no buraco em formato de coração e instantaneamente essa mesma mão se dirigiu e fechou-se contra o amuleto que carregava em seu pescoço, presente de sua mãe.

"É a chave dos meus pensamentos..."

"É a chave dos meus pensamentos..."

"É a chave dos meus pensamentos..."

As palavras de sua mãe repetiam-se como um velho disco quebrado na vitrola de sua

memória. Ela havia compreendido. Sua mãe havia lhe dado a chave do seu diário, e só conseguia pensar em uma explicação plausível para aquilo: Ângela Brown tinha dado a chave de seu próprio diário, a chave de seus pensamentos colados em palavras e eternizados naquelas folhas, para que sua filha os lesse um dia. O que mais sua mãe tinha lhe dito quando entregou a chave?

"*As memórias esquecidas do passado se transformam em pó nos sótãos da alma...*"

Então sua mãe tinha lhe dito exatamente o lugar onde escondera seu diário, e ela tinha a chave repousada em seu pescoço. O que poderia ter escrito de tão importante que Julie precisasse saber? Ela achou que devia começar a descobrir o mais rápido possível, mas não ali. Guardou o caderno junto da pedra, e percebeu que havia mais algumas folhas que pareciam artigos de jornais recortados e colocados no fundo da caixa, contudo não deu importância. Fechou-a e decidiu não contar o achado para ninguém. Leria o diário em seu quarto.

Levantou-se e olhou os pingos de chuva que escorriam no vidro recém-trocado da janela, no qual, mesmo embaçado, pôde ver a figura esquia e magra, coberta por um guarda-chuva preto, que contornava a casa, rumo aos fundos. Era Loreta Brown.

"Onde ela vai com essa chuva?", perguntou-se Julie.

A única resposta que teve é que sua avó estava indo ao porão buscar algo. Estranhou esse fato. Ontem mesmo, assim que chegaram à velha casa, a senhora estava voltando de lá, porém sem trazer nada em mãos, a não ser a sua velha bengala que carregava de vez em quando, principalmente quando seus joelhos doíam. Lembrou-se que seu pai tinha se oferecido para ajudar a limpar o local, mas ela negou a oferta, agradecida. Também não deixou Nicolle ir visitar o lugar, dizendo que lá só havia velharias e sujeira. "Então o que iria fazer lá agora? Estaria escondendo alguma coisa?", Julie sabia que novamente estava sendo implicante com sua avó, no entanto, a curiosidade parecia ser maior do que ela, por isso decidiu ir atrás de sua avó para ver o que havia no porão.

Apertou a caixa contra o peito, como se quisesse protegê-la de algum ladrão, e passou primeiro em seu quarto, escondendo o objeto debaixo da cama para que ninguém encontrasse. Depois desceu as escadas rapidamente, para chegar até sua avó antes que ela saísse de lá. Ao passar pelo corredor, ouviu o som ruidoso da água do chuveiro vindo por detrás de uma porta e imaginou que devia ser o seu pai tomando banho. No andar de baixo, na sala, Nick dormia no sofá com uma mão segurando o controle remoto e a outra segurando um pacote de biscoitos, com a luz da televisão ligada iluminando seu rosto claro.

Não querendo se molhar novamente, Julie pegou um guarda-chuva que ficava dentro de uma caixa perto da escada, e amaldiçoou o fato de ter perdido tempo demais até encontrá-lo.

Do lado de fora, o frio da chuva fez os pelos de seus braços arrepiarem-se, e o vento que inclinava a chuva fazia com que ela os molhasse um pouco com alguns pingos. Desceu os degraus da frente do casarão e, assim que pôs os pés no chão lamacento, arrependeu-se de não estar usando um par de tênis, porque seus pés já estavam ficando sujos graças àquele chinelo,

que agora estava molhado e escorregadio.

Aproximou-se rapidamente, pois não interessava se sua avó escutasse que estava chegando, muito embora o som da chuva forte ajudasse a ocultar o som de seus passos.

– *Você tem no máximo dois dias...*

O som da voz fina e delicada, a mesma voz de seu sonho, a fez estaquear no lugar. Seu coração pareceu dar pulos no peito enquanto ela ouvia sua avó responder à pessoa com a qual estava conversando.

– Está bem – disse apenas.

Mesmo com medo, Juliette precipitou-se para virar à direita da casa, preparada para pegar as duas no flagra e desvendar aquele mistério de uma vez. Acelerou os passos contornando a casa, onde, para sua completa surpresa, encontrou sua avó com o guarda-chuva pousado ao seu lado, fechando a porta que levava até o sótão com um grande cadeado. Depois a velha se levantou e pegou o guarda-chuva. Ao ver a neta, encarou-a com um sorriso largo, como se nada tivesse acontecido.

– Julie – ela falou agradavelmente, mas num som baixo que saiu quase como um sussurro. Ela deu uma olhada para os lados discretamente, fazendo Julie ter a certeza de que alguém havia estado ali antes. – O que está fazendo aqui fora, querida? E vestida assim! Não, não, não, minha neta. Você vai pegar um resfriado. Olhe só seus pés molhados. Vamos – fez um gesto leve com a mão livre para que a seguisse, enquanto passava por ela. – Precisamos encontrar um casaco para você. Mas o que estava fazendo aqui? – falou mudando de assunto, enquanto virava-se para olhá-la nos olhos. – Estava me procurando, meu bem?

Juliette hesitou por alguns segundos. Tinha certeza que ouvira Loreta conversando com alguém e, no entanto, encontrou-a sozinha. Poderia ter inventado uma desculpa esfarrapada para estar ali, só que não queria fazer isso. Tomando coragem, perguntou:

– Com quem a senhora estava conversando? – Ficou feliz por conseguir dizer as palavras com convicção, sem gaguejar.

Loreta piscou os olhos duas vezes, fitando a neta.

– Conversando? – ela repetiu a pergunta. – Não, você deve ter se enganado. Como pode ver, não há mais ninguém aqui com quem eu possa conversar.

– Mas eu posso jurar...

Loreta riu baixinho.

– Minha neta, eu não queria lhe dizer para não desanimá-la. A verdade é que quando você tiver a minha idade, não vai achar tão incomum assim ficar conversando sozinha – ela deu uma piscadinha com o olho direito, de um jeito maroto, fazendo Juliette notar como sua avó já não parecia tão pálida, com a pele um pouco mais bronzeada. E falando essas palavras, a velha saiu em direção à casa, deixando Julie parada sozinha na chuva, com perguntas pingando em sua mente. Mas uma coisa ela notou: não havia nenhuma cicatriz em formato de "x" em seu queixo.

***

O jantar fora uma experiência nada agradável naquela noite.

Sentada com as cobertas sobre a cabeça, Julie ligou a lanterna para iluminar o diário de capa azulada que há alguns anos pertencera a sua mãe. Já passava das onze da noite e Nicolle estava dormindo na cama ao lado, roncando baixinho, igual ao seu pai. Apesar da vontade de querer fechar a boca dela com uma fita, não queria acordá-la sequer com a luz da lanterna, porque sabia que ela faria perguntas demais. Do mesmo modo que também não queria ler o diário em outro lugar, para não chamar a atenção de seu pai ou de sua avó.

Naquela noite, eles já haviam pegado muito no seu pé. Assim que se sentaram à mesa, Richard perguntou sobre o rapaz com quem ela havia conversado na praia; seu pai não gostou nem um pouco do fato de ele tê-la acertado no rosto com a bola de beisebol. Loreta também pareceu surpresa com o fato de um garoto estar passeando pela praia, e quando Juliette disse que Raphael já fizera isso várias vezes desde que se mudara para cá, há um ano, a idosa alegou nunca tê-lo notado em nenhuma ocasião. Então ela começou a fazer várias perguntas sobre o garoto, do tipo como ele era, o que fazia e sobre o que conversaram. Juliette achou uma preocupação exagerada por parte dela. Esperava isso de seu pai, e não de sua avó. Mesmo ele chegou a compreender, dizendo que era bom que ela tivesse um amigo da idade dela com quem poderia conversar e se divertir, desde que o apresentasse algum dia desses durante o verão. Loreta ainda insistia que não era bom para Julie dar atenção a um desconhecido, porém, para a felicidade da menina, seu pai interferiu dizendo que sua filha já era grande o suficiente para decidir isso, e que confiava nela.

Nicolle contou animada que Julie iria levá-la ao parque no dia seguinte e as palavras de sua avó fizeram com que Juliette quase derrubasse o copo de seu suco de laranja no chão.

– Aproveitem o tempo que lhes resta – disse ela, com o olhar triste.

– O-o... que que-quer dize-r-r? – Juliette perguntou gaguejando, de olhos arregalados.

– Ó, apenas que o parque vai embora da cidade, e é melhor aproveitarem esse tempo que lhes resta – respondeu ela de forma indiferente.

Aquela simples observação de Loreta poderia não ter parecido nada de mais em qualquer outra ocasião. Porém, os acontecimentos estranhos dos últimos tempos tinham deixado Julie em alerta máximo. Principalmente após ter entreouvido sua avó conversando com alguém (tinha certeza que sua avó conversou com alguém, e que não estava apenas falando sozinha). Por isso, agora debaixo da coberta, com o diário de sua mãe aquecendo-lhe o peito como se trouxesse o calor de sua presença, Juliette começava a temer que seus pensamentos fossem reais. *Dois dias*... Foi exatamente o que a voz disse a ela. Dois dias para quê? Para levá-la embora, seu subconsciente respondia para si mesma.

O que não conseguia entender era: por quê? Que motivos teria sua avó para levá-la dali sem lhe contar nada? Não! Devia ser outra coisa. Talvez fosse algo particular de sua avó que ela queria que ninguém se metesse, e que não tivesse relação alguma com seu sonho, que devia ter sido apenas coincidência. Embora fosse uma grande coincidência...

Ao menos agora tinha Raphael para distrair seus pensamentos. Iria se encontrar com ele no

próximo dia. Ele poderia até acompanhá-la e ir com ela e Nicolle ao parque, assim conversariam enquanto a garotinha se divertia nos brinquedos. Era bom ter alguém com quem pudesse desabafar. Queria também aproveitar a ida à cidade para fazer uma ligação para Meg, que deveria estar louca para saber como estavam as coisas. Sua amiga seria a única pessoa que poderia confiar para contar os fatos estranhos que estavam acontecendo. A sinceridade dela poderia lhe dizer se deveria se preocupar ou se estava ficando completamente louca por acreditar em coisas tão surreais, como toda essa maluquice de sua avó estar tramando algo.

Suspirou lembrando-se que chegou a pensar que as férias de verão prometiam ser chatas e monótonas, quando, no entanto, estavam revelando surpresas a cada dia. E uma delas era o diário de sua mãe.

A chave em forma de coração estava quente em sua mão. O desenho dela ficou marcado em sua palma, desaparecendo gradualmente assim que a pegou e encaixou na fechadura do diário. Ficou alguns segundos pensando antes de girá-la. Sabia que ali não encontraria simples anotações dispersas, mas um mundo novo e particular, que mesmo ela, durante os anos que conviveu com sua mãe, não chegou a conhecer de verdade. O que teria escrito de tão importante para alimentar o desejo de que ela lesse, mesmo quando sequer poderia suspeitar que morreria? Ou talvez suspeitasse... "*Se tivessem descoberto a verdadeira causa do incêndio, nós teríamos graves problemas...*". Foi isso que ouviu na conversa de sua avó naquela noite. Não, jamais poderia acreditar nisso. Sua avó nunca faria uma coisa dessas com sua própria filha. Ou, pelo menos, assim esperava.

Seus dedos moveram-se vagarosamente, girando a chave até o ponto em que ouviu um pequeno *click*. A outra mão segurou a lanterna e apontou a luz para as primeiras páginas, assim que abriu o diário. Reconheceu a letra cursiva e caprichosa de sua mãe Ângela, e percebeu várias gravuras de estrelas e planetas decorando as margens, com alguns números que pareciam ter sido anotados de forma apressada. Surpreendeu-se ao constatar a data e ver que o relato era de antes mesmo de ela nascer. Abaixou os olhos e continuou a ler.

26 de dezembro de 1994.

Querido diário... Não. Não posso chamar de querido uma coisa que eu mal conheço. Por favor, não me leve a mal, é que é a primeira vez que faço isso. Então... Estimado senhor diário (é, acho que esse é um começo melhor), não sei ao certo por que estou fazendo isso. Diários são coisas de adolescentes que enchem páginas e páginas falando de amores impossíveis, de fofocas que as amigas contaram durante a aula chata de ciências ou de sonhos que provavelmente nunca se realizarão, porque depois de um tempo perdem a capacidade de sonhar à medida que ganham as responsabilidades do dia a dia e pensam que "sonhos" e "responsabilidades" não formam um bom casamento.

Eu sou o contrário de tudo isso. Quando era criança, minha mãe assim me ensinou: "*Não diga que um sonho é pequeno só porque ele está longe de ser realizado. Lembre-se que as maiores estrelas se encontram a quilômetros de distância".*

Lembro-me que aos poucos minha estrela foi crescendo, principalmente quando me formei em história, e quatro anos depois concluí meu mestrado em arqueologia e fui contratada em um museu do Cairo. Passei, então, a me comunicar com os turistas (em sua maioria americanos) que estavam interessados em vislumbrar as maravilhas do antigo Egito. Até que conheci um arqueólogo francês chamado Jean Le Belle. Ele convidou-me para participar de seu grupo de escavação que trabalhava para o governo local em expedições na área ao redor das grandes pirâmides.

Tudo o que encontrávamos, desde a menor moeda, era encaminhado para o governo, que fazia as próprias análises do material e datava a origem dos achados. Sempre fui feliz no que trabalhava, ganhava um bom dinheiro nisso e não via motivos para não ser honesta, embora fosse do conhecimento de todos que boa parte dos arqueólogos não entregava todos os achados para a análise, guardando-os para si. Embora a tentação fosse grande, nunca havia feito tal coisa. Até encontrar a pedra. Nunca vi coisa mais linda e diferente na minha vida e, no momento em que a vi, tive certeza que seu brilho próprio e sua forma triangular não caracterizavam nenhuma pedra conhecida na Terra, coisa que minhas pesquisas confirmaram posteriormente. Por isso, tomei-a para mim e não me arrependo do que fiz.

Era feliz com o meu trabalho e tinha certeza de que nada no mundo faria com que eu abrisse mão dele. Até que ele chegou.

Fui apresentada a ele por Le Belle, quando o jovem estava trabalhando em um caso para o filho de meu patrão. No começo parecia ser muito tímido e dava a impressão de estar sempre desconfiado, como se estivesse sendo observado por alguém. Começamos a nos aproximar mais em uma noite no acampamento, quando conversamos até tarde e olhamos as estrelas no frio do deserto, enquanto todos os outros já tinham ido se deitar. Tornamo-nos amigos, namorados e, por fim, noivos.

Claro que eu jamais permitiria que um relacionamento me afastasse de meu emprego. Para que eu deixasse de ser arqueóloga, teria que encontrar algo que fosse melhor que isso, e hoje encontrei. Vou ser mãe.

Saber que estou há dois meses carregando um pedaço de mim e dele, uma semente de vida, fez com que nada mais me importasse. Contei a notícia na noite de Natal para ele e minha mãe, que me deu um forte abraço. Apesar de ele se dizer feliz e passar a mão carinhosamente em minha barriga, senti que havia tristeza em seus olhos. Estranhei, afinal era ele quem mais insistia no assunto de ter filhos e agora parecia não estar tão animado com a ideia, ou talvez fosse apenas o nervosismo da descoberta. Mas terá tempo para se acostumar com a notícia. Quero, a partir de hoje, relatar cada um dos dias que passam em minha vida. Aliás, na minha e na dele que está dentro de mim, ou quem sabe... dela.

Juliette terminou de ler sentindo a pedra esquentar em sua mão. Então aquela pedra, que estava junto com o diário, tinha sido encontrada por sua mãe nas areias do Egito. Sequer notou o fato de Ângela ter mencionado que a pedra avermelhada não era de nenhum tipo conhecido

na Terra. Seus pensamentos estavam longe, voltados para outro ponto do relato: o fato de sua mãe ter desistido de sua profissão por ela. Não se sentia culpada por isso, muito pelo contrário. Enxugou as lágrimas dos olhos sabendo do tamanho amor que sua mãe sentia por ela, largando tudo o que mais amava para poder criá-la. Só estranhou o fato de que nem ela, nem seu pai nunca mencionaram que se conheceram em uma escavação e que passaram a se relacionar depois daí. Talvez fosse esse o motivo para que sua mãe desejasse que ela lesse seu próprio diário ou para que soubesse o quanto ela a amava.

Virou a página do diário para o dia 27 de dezembro daquele mesmo ano e continuou a leitura. Os escritos falavam sobre a emoção que sentiu por estar grávida e do amor que nutria por seu futuro marido. Não constava nada de muito interessante nos próximos relatos, e suas pálpebras começaram a cair contra a sua vontade. A pedra ainda ardia em sua mão aberta, mais quente do que o normal, enquanto o diário deslizava lentamente de sua mão e a sua cabeça pendia para trás, com seus olhos se fechando. Suas formas de raciocínio e discernimento acabaram, mas, antes do diário de Ângela cair ao lado na cama, Julie pôde jurar que a última palavra que leu foi *Sírius*.

3
Sábado

Naquela noite, teve um sonho no qual viu a mulher de longos cabelos louros apertando uma pedra vermelha contra o peito. Ela caminhava sozinha na escuridão da noite, deixando seus passos marcados nas areias da praia. Olhou para cima, como se observasse as estrelas do céu que brilhavam forte na noite sem luar, no mesmo instante em que uma brisa leve agitava seus cabelos como uma mão invisível.

De algum modo, Juliette sentiu que também estava naquela praia, olhando a mulher que estava de costas para ela, sabendo que, mesmo na escuridão e sem poder lhe vislumbrar o rosto, sabia de quem se tratava. Era sua mãe.

Seu coração pareceu lhe apertar no peito, e só naquele instante deu-se conta do tamanho da saudade que sentia dela. Queria correr até Ângela, gritar que estava ali e cair em seus braços para chorar toda a dor que sentiu por sua perda. Falar que a amava e que não passara um dia sem que a imagem daquele rosto terno lhe viesse à mente. Sua garganta parecia apertada enquanto as lágrimas desciam silenciosas por seu rosto. Sete anos tentando esconder de todos o quanto sentia a falta de sua mãe. Pegou-se pensando por que nós, humanos, guardamos nossos sentimentos em caixas, como se quiséssemos esconder de nós mesmos.

Quando Ângela caiu na areia de joelhos, Juliette estendeu a mão para tocá-la, mas parou ao ouvir a voz de sua mãe. Falava baixo e em sussurros que, por vez ou outra, se misturavam aos soluços, sem que Julie pudesse distinguir nenhuma palavra do que ela dizia. Aproximou-se mais e constatou, assombrada, que ela parecia estar falando com a pedra.

– Venham rápido – Julie pareceu ter ouvido.

Um segundo depois, a mãe estendeu os braços para frente formando uma concha com a pedra ao meio. O brilho dela estava mais vermelho do que de costume e sua luminosidade aumentava gradativamente, parecendo ser uma lâmpada acesa no meio da praia. Até que, de repente, um feixe de luz avermelhada emergiu da pedra e iluminou tudo ao redor por um breve instante, enquanto subia e cortava o céu, mergulhando no negrume do universo sem fim. Julie soltou um gritinho de espanto, fazendo Ângela virar-se para trás. Quando a viu (ou, pelo menos, pareceu vê-la), um sorriso surgiu em seus lábios e a cena se desvaneceu como fumaça no ar.

Depois, Julie se viu novamente junto de sua mãe, que ostentava a pedra no pescoço do mesmo modo que faria com uma joia rara. Estava sentada no sofá, e ao seu lado, com uma aparência mais jovem, porém apreensiva, estava Loreta Brown. Cada uma delas segurava uma

xícara com algum líquido quente e pareciam não estar se entendendo em relação a algo.

– Ela precisa saber – Loreta falou, levantando-se e pousando a xícara fumegante na mesa. – Não pode esconder uma coisa dessas para a vida toda.

– Sei disso – Ângela respondeu, parecendo triste e abatida. – Mas ela vai fazer apenas dez anos. – Tirou uma mecha de cabelos da frente do rosto e colocou atrás da orelha, suspirando. – Ainda não está preparada para saber quem é...

As palavras se perderam no ar e Julie se viu como se estivesse entrando em um túnel escuro que terminava dentro da oficina velha de seu falecido avô.

– Eu sabia que você estava aqui.

Juliette virou-se para ver a quem pertencia a voz atrás de si, e viu sua mãe entrando na oficina, trancando a porta com chave.

Tentando descobrir com quem ela falava, a garota procurou ao redor e seus olhos pararam ao encontrar dois pontos luminosos atrás de uma caixa de madeira. Uma mão esquelética e enrugada emergiu, apoiando-se na madeira, e Julie ouviu um chiado igual ao da brasa quando entra em contato com água. Uma fumaça tênue começou a sair do local no qual a mão havia tocado, deixando seu contorno na caixa, onde segundos depois chamas vermelhas começavam a brotar. Juliette virou-se para sua mãe, a fim de avisá-la para que saísse dali. Neste momento, a criatura saiu de seu esconderijo e Julie viu sua mãe andar até ela com uma faca em mãos. Então todo o resto se transformou em um borrão de imagens, fumaça, chamas e gritos.

***

– Mamãe! – Juliette acordou gritando e pondo-se sentada na cama.

A pedra vermelha e triangular rolou de sua mão, caindo no chão perto da cama de Nicolle, que já estava em pé, com os cabelos esparramados. Suas sobrancelhas estavam franzidas, e de mãos na cintura ela fitava Juliette com ar interrogativo. Lentamente seus olhos foram abaixando até pararem em cima da pedra, que ela pegou ao se agachar.

– Eu é que sou criança e deveria acordar os outros com gritos, e não você! – Nicolle falou mal-humorada por terem-na acordado tão cedo. – Legal essa pedra. Onde você a encontrou?

Julie ajeitou-se, sentando na beirada da cama e pondo os pés no chão. Viu a lanterna e o diário de sua mãe ao seu lado, e sua cabeça parecia girar enquanto processava um turbilhão de informações. “O que aconteceu?”, perguntou-se. “Terá sido apenas um sonho?”

Ela queria que fosse isso. Mas todas as imagens pareceram reais demais para que tivessem sido apenas fruto de sua imaginação que trabalhava enquanto ela descansava. O rosto de sua mãe não saía de sua cabeça e a sucessão de cenas que viu em seu sonho passavam em sua mente como um filme. Um filme de terror.

– Não sabia que já tinham entregado os seus presentes – disse Nicolle, devolvendo a pedra para Julie, que pareceu finalmente despertar para a realidade.

– Meus o quê?

Nicolle fez uma cara de quem havia dito algo de errado e desconversou.

– É... nada não. Você ainda vai me levar ao parque, não é?

"Droga, esqueci do parque", pensou Juliette. Não estava com nenhuma vontade de passar algumas das preciosas horas de seu dia com a garotinha, mas havia prometido a ela no dia anterior. Porém, ao lembrar-se de que pensara em levar Raphael com elas, animou-se de imediato.

– Claro. Acho que podemos ir depois do almoço.

– Legal, então, sendo assim, posso perdoar você por ter me acordado tão cedo. Vou avisar a vovó e o papai que já vamos descer para o café – falou a garotinha, calçando um par de pantufas em forma de coelho e saindo aos saltos pelo corredor da casa.

Juliette queria dizer para ela não ir tão rápido, depois se deteve. Seria bom levantar cedo. Não estava com vontade de ter mais sonhos bizarros como aqueles que estava tendo ultimamente. Ainda não sabia se as cenas que viu eram reais ou não, mas tinha certeza que, se eram, tinham alguma relação com aquela pedra estranha, e isso tudo estava perturbando-a. Precisava descobrir rapidamente o que estava acontecendo, e sabia que sua avó tinha algumas respostas. Principalmente no que se relacionava à última conversa que teve com sua mãe Ângela.

Ainda não está preparada para saber quem é...

O que isto significava? Quem ela era?

Pulou da cama e rapidamente guardou o diário dentro da caixa e o enfiou debaixo da cama. Depois colocou a pedra em seu pescoço como um pingente, do mesmo modo que viu sua mãe fazer no sonho. Se fosse real, sua avó faria algum comentário, e ela poderia fazer mais perguntas.

Então, foi até o banheiro tomar um banho, depois escovou os dentes e desceu a escadaria. Ouviu um burburinho vindo da sala de jantar e desceu até lá. Assim que abriu a porta, foi atingida por um turbilhão de confetes e de balões.

– Surpresa! – gritaram Richard, Loreta e Nicolle em uníssono.

Vendo que os três usavam chapéus em suas cabeças e seguravam pacotes de presentes apontados para ela, lembrou-se que era o dia de seu aniversário. Todo o estresse e os estranhos acontecimentos dos últimos dias fizeram com que esquecesse completamente da festa de seu aniversário. Isso era surpreendente, pois era a primeira vez que acontecia. Mais surpreendente era saber que esse foi um dos motivos de não querer passar o verão na casa da avó. Ficou pelo menos duas semanas brigando com seu pai, alegando que não queria passar o aniversário longe de seus amigos, pois, caso contrário, só os três familiares estariam presentes na festa. E foi exatamente isso que aconteceu.

Todos estavam com sorrisos radiantes e congelados, e passaram a olhar uns aos outros e depois para ela, na expectativa de alguma reação por parte da garota de cabelos esparramados que ainda estava segurando a maçaneta da porta.

"Agora entendi a história dos presentes que Nicolle mencionou mais cedo."

– Eu não acredito nisso. Eu me esqueci completamente do meu aniversário.

– Mas como vê, minha querida – Loreta falou, adiantando-se com as mãos estendidas –, nós não esquecemos nem por um minuto. Acordamos cedo para preparar as coisas – disse ela, depois lançou um rápido olhar para Nick. – Bom, pelo menos eu e seu pai acordamos. Feliz aniversário, minha quer... *Meu Deus*.

– O que foi? – Juliette perguntou confusa pela súbita expressão de surpresa no rosto da avó. Ao acompanhar o olhar da idosa, compreendeu a surpresa.

Ela olhava diretamente para a triangular pedra vermelha.

"Então ela reconheceu", pensou Juliette, que estava alegre e, ao mesmo tempo, ametrontada em constatar que seu, aparentemente, simples sonho fora real.

– Onde você encontrou isso? – ela perguntou para Juliette.

– Eu... eu... – Julie tentava ganhar tempo enquanto sua mente buscava uma resposta. Não queria contar para ela que havia achado uma caixa com alguns pertences de sua mãe, trancados em um cofre no sótão. – Eu achei por aí e gostei. Por isso resolvi usá-la – completou por fim. – Você sabe de quem era?

– Era da sua mãe.

Julie virou-se para o lado e viu que quem respondeu foi seu pai, Richard. É claro que se sua mãe costumava usá-la com frequência, portanto ele também a reconheceria.

– Eu achei que estivesse perdida – falou ele.

– Bom, pelo visto estava – Loreta falou, tentando parecer casual, mas sua voz saiu embargada e um tanto assustada. – E quem melhor que Juliette para encontrá-la e usá-la?

– Ei! – Nicole protestou, ainda segurando o presente em mãos. – E eu? Também sou filha da minha mamãe.

– Desculpe-me, querida – disse Loreta, dando um beijo na testa da neta. – Acontece que Juliette é a filha mais velha, e por direito essa pedra deve pertencer primeiro a ela. Mas tenho certeza de que quando você estiver completando a mesma idade de sua irmã, ela terá prazer em repassá-la.

– Não tem problema, não – explicou a garotinha. – Não tenho pressa para ficar mais velha. E já que estamos falando em idade, e hoje é o aniversário da Julie, que tal entregarmos os presentes logo e começarmos a comer?

Richard e Loreta concordaram e ambos entregaram seus presentes e deram abraços e felicitações a ela. Seu pai se desculpou por nenhum amigo dela ter comparecido à festa este ano, e disse que chegou a convidá-los, mas que a maioria estava viajando ou não queria ir até uma praia deserta. Abrindo o pacote, Julie viu uma enorme caixa, com o desenho de um objeto comprido.

– É um telescópio, minha filha. Podemos instalá-lo no sótão, se você desejar. Era da sua mãe. Por algum motivo, ela sempre adorou ver as estrelas. Quando ela morreu, resolvi guardá-lo em um lugar seguro e entregá-lo a você quando viéssemos visitar sua avó, já que na cidade a poluição não nos permite ter uma vista tão boa do céu como aqui.

Com lágrimas nos olhos e a voz embargada, Julie só conseguiu dizer:

– Obrigada, papai.

Em seguida, foi a vez de Loreta. Ela deu um abraço em sua neta (que, apesar de animado, lhe pareceu que os braços dela estavam muito frios), depois entregou um pacote vermelho, amarrado por uma fita azul. Abrindo-o, encontrou um livro.

– *O Morro dos Ventos Uivantes*[*] – leu em voz alta.

– Era o preferido de sua mãe quando tinha a sua idade. Tenho certeza que você vai gostar – Loreta falou.

Juliette agradeceu e, deixando o livro de lado, recebeu o pequeno pacote esverdeado de Nicolle.

– Tomara que goste do presente que eu comprei – falou ela, orgulhosa, e depois de ver o olhar inquisidor de seu pai, completou: – ... e que papai me ajudou a comprar, doando alguns trocados.

A adolescente riu, e ao abrir o presente encontrou o frasco de perfume que tanto namorara já fazia algum tempo.

– Obrigada, maninha. Vou usá-lo hoje mesmo quando formos ao parque.

Recebidos os presentes, foram direto para a mesa onde Juliette cortou o bolo e entregou um pedaço para cada um, não sem antes soprar todas as dezoito velhinhas do bolo, fazendo seu pedido baixinho, de modo que ninguém ouvisse o que dizia.

– Que eu descubra a verdade.

Ela notou no decorrer da comilança que, apesar do semblante feliz, tanto sua avó como seu pai, mas principalmente sua avó, não tiravam os olhos da pedra avermelhada. Perguntou-se, então, se teria feito a coisa certa ao colocar em seu pescoço algo que trazia tantas lembranças relacionadas à sua mãe. Logo depois, tranquilizou-se, pois aquele era o único modo de ter certeza de que seus sonhos da noite anterior tinham sido reais. Agora sabia a resposta.

Em dado momento da festa, Nicolle se aproximou dela e falou baixinho:

– Sei que a festa é sua, mas se eu fosse você, convidaria a formiga que estava do lado de fora espiando.

– Convidaria quem? – Juliette perguntou intrigada.

– A formiga – ela falou enfaticamente. Depois, vendo que sua irmã nada recordava dela, suspirou e explicou: – Aquela formiga gigante que eu falei que conversei, e ninguém acreditou. A mesma da foto.

“Meu Deus! A Criatura!”, pensou assombrada.

Olhou para sua irmã, que ainda estava parada com a cara intrigada à espera de uma resposta, e falou:

– Nick – falou ao se ajoelhar na frente da irmã, segurando seus ombros com firmeza e olhando diretamente em seus olhos, que agora pareciam assustados com a reação dela. – Você falou novamente com alguma daquelas formigas gigantes?

Nicolle pareceu surpresa com aquela pergunta, porém, um segundo depois, sua expressão iluminou-se em um sorriso triunfante.

– Ah, quer dizer então que agora você acredita? Eu bem que disse que...

– Apenas me diga se falou ou não – interrompeu Julie.

– Não – respondeu balançando a cabeça –, a última vez foi naquele dia que ela me disse que alguém de nós iria embora, mas que seria para um lugar muito legal. Só que ninguém acreditou em mim. Agora vi uma delas espiando lá fora. Acho que estava com vontade de participar da festa. Você sabe como essas danadas adoram uma coisa doce. Mas quando saí lá fora, ela já tinha ido embora. Acho que ela ficou envergonhada de ficar observando sem ser convidada...

Ela ainda falou outras coisas, frutos de suas pesquisas, sobre a vida das formigas e seu comportamento e que pensava em provar que formigas gigantes existem, quando fosse grande. Porém, Julie estava em silêncio, pensando por alguns instantes; depois, sua expressão alargou-se.

– Você disse que viu aquela formiga pela primeira vez na foto, certo?

A garotinha assentiu e Julie lhe deu um beijo na bochecha.

– Obrigada. Você me ajudou muito.

Dizendo isso, Julie deixou a lata de refrigerante que estava segurando em cima da mesa e saiu apressada para o andar de cima, sem dar atenção às perguntas curiosas que seu pai e sua avó fizeram ao vê-la sair da festa tão repentinamente, sem dar nenhuma explicação.

Enquanto isso, Nicolle, que não compreendera nada, deu de ombros e pegou o refrigerante da irmã, dirigindo-se para o lado de fora a fim de tentar encontrar a tal formiga gigante, em cuja existência ninguém acreditava.

A passos rápidos, Juliette adentrou no sótão da casa da avó Loreta e se dirigiu diretamente para uma prateleira antiga, cuja madeira estava corroída pelos cupins, e abriu uma gaveta que abrigava uma única e solitária caixa de papelão roxa. Colocou-a no chão e tirou a tampa, revelando o velho álbum de fotografias da família.

Sabia exatamente qual era a foto que sua irmã tinha mencionado há dois dias no carro. *A última foto que tiraram com sua mãe*. Reprovou-se por não ter pensado nisso antes. Foram feitas três cópias daquela fotografia na época. Sabia que uma delas estava na sua casa, em um porta-retrato localizado na sala de estar, bem ao lado do televisor. Outra ficava sempre dobrada dentro da carteira de seu pai. E a última, estava com sua avó. Sempre se perguntou por que esse álbum ficava naquele lugar escondido e empoeirado, e não ao acesso de todos. Poucas foram as vezes que viu aquelas fotos, aliás, analisando minuciosamente, sequer se lembrava da última vez que fizera isso.

Suas mãos agitavam-se rápido, virando página após página do álbum, vendo em relances momentos bonitos, nos quais, em vários deles, Julie era apenas um bebê no colo de sua mãe. Até que, finalmente, encontrou a foto que procurava. Estavam todos ali, do mesmo modo que se lembrava: Nicolle no colo do papai, a vovó de um lado, e Juliette, alguns bons centímetros menor, do lado de sua mãe Ângela, com o braço em volta da cintura dela.

Ficou alguns segundos contemplando aquela imagem, deixando-se invadir pela alegria que

sentiu naquele dia, quando sequer poderiam suspeitar da tragédia que viria alguns dias depois. Enxugou uma lágrima que escorreu de seu olho direito, e foi então que *viu*: atrás de uma árvore cheia de galhos retorcidos e cobertos por folhas finas e de um verde muito escuro, estava uma figura quase que camuflada com o tronco da planta. Sua cabeça era grande demais, desproporcional ao corpo pequeno e raquítico. Quase não podia ser notada, pois parte do corpo estava oculto pela sombra da árvore, mas ainda era possível distinguir o braço excessivamente magro e a enorme mão de dedos compridos e ossudos. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo ao lembrar-se da estranha marca que viu no tronco da árvore à beira da estrada, quando estavam vindo visitar sua avó. Era muito semelhante com a mão da foto. Mas foi quando viu aqueles olhos frios, vermelhos e muito brilhantes que seu mundo começou a girar. De repente, viu sua mãe dentro da oficina, indo de encontro à luta contra uma criatura estranha. Depois, viu-se seguindo sua avó e ouvindo a conversa dela, até ser flagrada por dois pontos luminosos e desmaiar. Então, a cena mudou novamente, e estava no quarto vendo uma mão enrugada fechar a porta e, por fim, um reflexo difuso de uma criatura estranha na chaleira da cozinha.

Sem que tivesse percebido, havia começado a tremer descontroladamente. “O que está acontecendo?”, tentava perguntar para si mesma, mas, em vez de uma resposta concreta, ouviu a voz de sua mãe falar na sua mente, repetindo as palavras do sonho: *Não está preparada para saber quem é...*

“O que isso quer dizer?”

Não sabia. A única certeza que tinha é de que queria explicações, fossem quais fossem, e só havia uma pessoa naquela casa que poderia lhe dar. Sua avó Loreta Brown.

Julie arrancou a foto do álbum com a intenção de mostrar para sua avó e perguntar sobre o que ela e sua mãe conversaram naquele dia. Por mais que não soubesse explicar como, sabia que aquelas cenas que viu não foram um sonho comum. Aliás, nada naquele fim de semana parecia ser comum. Estava pronta para descer, quando, ao fechar o álbum para guardá-lo, notou uma foto estranha, a qual nunca havia visto antes. No canto direito da fotografia estava sua mãe, com a barriga grande que aparentava, no mínimo, seis meses de gravidez. Estava com um sorriso radiante e com as mãos na barriga, sobrepondo outro par de mãos. As de um homem. Ele estava atrás dela, com os braços abraçando a sua barriga. Tinha o cabelo preto e espetado e era muito bonito, apesar da expressão que continha uma pitada de tristeza.

“Tem olhos brilhantes e vivos”, refletiu ela, “iguais... iguais aos meus!”, percebeu assombrada.

Perguntou-se quem poderia ser ele, e a resposta surgiu em sua mente com total clareza. *Sírius*. Lembrou de sua avó perguntando se algum dia sua mãe mencionou alguém chamado assim. Ela negou e perguntou por quê. “Quem mesmo Loreta disse que ele era? Ah, sim, só um querido companheiro de trabalho de sua mãe...” Assim a idosa tinha respondido. Mas seria apenas isso? Queria que fosse, mas por que ele estaria abraçando sua mãe como se fosse... como se fosse... o *namorado* dela? Não, isso não podia ser...

Não está preparada para saber quem é... Ecoou a voz de sua mãe por um breve momento em sua cabeça. Tentou tirá-la de sua mente a fim de esquecer a verdade inegável que começava a se formar diante dela. Foi então que se lembrou da conversa entre seu pai e sua avó no dia anterior:

– *E quando pretende contar pra ela?* – havia escutado sua avó perguntar.

– *Não sei, mas será logo. Ela precisa saber* – seu pai respondeu.

Eles desconversaram quando Juliette perguntou sobre o que falavam e inventaram uma desculpa sobre Nicolle. Mas agora Julie sabia que não era da irmã que falavam, e sim dela.

Olhou os traços em volta do rosto de Sírius, que eram leves e marcantes... iguais aos dela. Foi então que se lembrou de algo que lhe passou completamente despercebido: em nenhum momento do diário sua mãe mencionou ser Richard o homem pelo qual se apaixonara. Uma onda de assombro tomou conta de Juliette ao se lembrar de ter tido a impressão de ler algo sobre Sírius no diário antes de cair no sono.

Sem esperar mais nenhum segundo, e agora com as duas fotografias em mãos, correu para seu quarto, temendo saber o que as palavras de sua mãe poderiam revelar naqueles relatos.

Ao chegar, tirou a caixa e colocou-a sobre a cama. Retirou a tampa e, ainda tremendo, pegou o diário e abriu em uma página ao acaso. *15 de Março de 1995.* Correu os olhos pela página, até que uma breve citação lhe parou a respiração:

...então saímos radiantes do consultório médico, tendo a certeza de que seria menina. Voltamos para casa e folheamos um catálogo de nomes e seus significados, até que um me saltou aos olhos e, após contar a Sírius, decidimos que nossa filha se chamaria Juliette...

Ofegante, deixou o diário cair no chão, sentindo-se nocauteada pelo peso da verdade. Richard Clare não era o seu verdadeiro pai. Sírius o era.

Trêmula, guardou a fotografia e o diário dentro da caixa e levantou-se enxugando as lágrimas dos olhos. Iria encontrar seu pai e sua avó. Faria perguntas. Queria respostas. Queria a verdade.

***

Julie preferiu deixar o diário de sua mãe guardado na caixa embaixo da cama, e levou apenas as duas fotografias. Era inaceitável para ela o fato de terem escondido uma coisa tão séria durante todos esses anos. Sentiu-se lesada por dentro. Ela tinha que saber. Onde ele está, então? Fugiu? Abandonou-a? Por que ninguém nunca lhe contou isso? Se Sírius era seu pai, por que nunca foi vê-la? Poderia sua mãe e seu pai Richard terem proibido suas visitas? Agora está explicado o fato de sua avó ter falado sobre ele. Talvez quisesse contar toda a verdade, mas tinha medo de Richard. Sim, Richard. Ele devia ser o culpado de tudo isso. Não é à toa que sempre se sentiu excluída na família, percebendo que Nick sempre teve mais afinidade com ele do que ela.

Ao chegar ao andar de baixo, abriu a porta bruscamente, decidida a mostrar logo de cara o

estado nervoso em que se encontrava e, quando o fez, todos os rostos se voltaram para ela.

Rick foi logo se adiantando com um sorriso no rosto e um embrulho em suas mãos.

– Desculpe, querida, eu quase me esqueci. Ontem eu peguei no correio o presente que Meg m... O que aconteceu?

Ele olhava intrigado para o rosto triste de Juliette e para as lágrimas que começavam a escorrer. Ela queria ser mais forte, não demonstrar o que estava sentindo na frente de todos e ter a coragem de fazer as perguntas que tanto precisava. Queria gritar... tirar toda a decoração e exigir que lhe dessem alguma explicação sobre tudo o que estava acontecendo, em vez de ficarem parados com sorrisos falsos no rosto, ignorando toda a verdade. Apesar disso, tudo o que conseguiu pronunciar foi:

– Eu já sei.

Os três franziram o cenho ao mesmo tempo e olharam-se a fim de encontrar alguma resposta uns nos outros. Como ninguém disse nada, Richard foi o primeiro a perguntar para Juliette:

– Sabe o que, minha filha?

Ela sentiu um aperto no peito e lágrimas se formarem nos cantos dos olhos.

– Eu não sou sua filha – foi o que conseguiu pronunciar antes de todas as suas outras palavras se transformarem em uma crise de soluços e gemidos.

Richard olhou para Nicolle com uma expressão confusa e para Loreta, que estava comovida com a situação, antes de tentar abraçar Juliette, que o afastou.

– Minha menina, deixe-me explicar – falou ele com a voz embargada. – Sua mãe teve outro homem antes de mim em sua vida. Ele morreu em um acidente quando você estava com apenas um mês de vida. Mas isso não muda em nada o amor que eu sinto por você – ele fez uma pausa por um instante, antes de conseguir continuar. – Para mim, você sempre foi, é e sempre será minha filha Juliette.

Ela parou de chorar por alguns instantes.

– Você não deveria ter escondido isso de mim! – falou e deixou cair uma das fotos de sua mão. Ela, então, correu para fora de casa e todos souberam que a festa tinha acabado antes mesmo de começar.

Richard olhou para Loreta de modo tristonho.

– Eu ia contar pra ela quando chegasse o momento. Como foi que ela descobriu?

A idosa se abaixou, apoiando-se em uma cadeira para não cair, e pegou a fotografia do chão, mostrando-a para Rick.

– Acho que foi com isso.

***

Sentia-se como um vulto esbranquiçado, um espectro, uma miragem cruzando as areias da praia com uma fotografia em mãos, a qual apertava e amassava contra o peito. Tudo estava tão confuso em sua cabeça, o que a obrigava a apertar os olhos e abri-los momentos depois,

desejando que acordasse desse pesadelo.

Cerca de três, quatro dias atrás, sabia que era apenas uma garota comum, órfã de mãe, filha de um advogado respeitado, estudante de um colégio igual a outros milhares e irmã mais velha de uma garotinha igual a outras tantas.

E agora?

Agora sabia que tanto sua mãe quanto seu pai estavam mortos. Sabia que sua avó estava tramando algo estranho. Sabia que tinha uma pedra misteriosa que brilhava. E que sua irmã conversara com um monstro que estava em algum lugar, à espreita.

"Meu Deus! O monstro", pensou Juliette, sentindo um súbito temor.

Esqueceu-se completamente de que este era outro assunto que queria conversar com sua avó. Nesse momento, tinha certeza de que Nicolle não tinha inventado a história da formiga gigante, embora tivesse a infeliz certeza de que não era uma formiga, e sim outra coisa que não sabia definir. Também sabia que de alguma maneira essa criatura estava relacionada com a morte de sua mãe. E, se assim fosse, queria encontrá-la a qualquer custo. Mas se isso era verdade, ainda não entendia o motivo que a levou a fazer isso com sua mãe. Porém, algo lhe dizia que aquela pedra tinha alguma relação.

Precisava contar isso para alguém e descobrir a verdade, e a primeira pessoa que veio em seus pensamentos foi o seu pai, Richard. No entanto, seu coração apertava-se ao pensar nele, e não tinha nenhuma intenção de encará-lo frente a frente e ser obrigada a aceitar aquela verdade dolorosa. Só sobrava uma pessoa então. Sua avó Loreta. Ao pensar nela, imediatamente recordou-se das conversas e de suas atitudes misteriosas, além da mão animalesca na porta e do reflexo na chaleira. Poderia sua avó ter alguma relação com essa criatura? Não, isso era loucura.

– Juliette!

O grito veio da estrada de terra. Um rapaz esguio e alto se aproximava, acompanhado de um animal que caminhava com a língua para fora.

– Raphael! Maia! – Juliette disse, enxugando as lágrimas com o dorso da mão, embaraçada por terem-na encontrado em situação tão deprimente. Queria estar mais bonita na próxima vez que se encontrasse com Raphael, e não chorosa, vestida de qualquer forma, após descobrir que era órfã não só de mãe, mas também de pai, e acabar de estragar sua própria festa. Aquele não era, nem de longe, o seu melhor aniversário. – Não esperava encontrá-los tão cedo.

– Pois é. Acontece que meu pai e minha mãe acabaram tendo mais uma de suas discussões sobre vir morar no fim do mundo e tal... e como o clima estava insuportável, decidi passear na praia.

"Bem-vindo ao clube", pensou Julie.

Ele se aproximou mais e percebeu que ela estivera chorando.

– O que aconteceu? Eu aqui falando dos meus problemas, mas acho que o clima na sua casa não é dos melhores.

– Não mesmo – falou ela. Apesar de tudo que acontecera, só de estar na presença dele,

vendo seus olhos azuis a fitarem de um jeito compassivo, já se sentia muito melhor.

– Você quer falar sobre isso?

Ela hesitou por um segundo.

– Tudo bem, se não quiser eu entendo.

– Não – falou ela, certa de que, se não falasse com alguém sobre isso, acabaria explodindo, e tinha certeza de que não encontraria ninguém melhor do que Raphael para desabafar. – Só me prometa uma coisa.

– Tudo o que você quiser – ele falou, e ela sentiu-se amolecer por dentro com aquelas palavras.

– Prometa-me que, não importa o que eu conte, você não vai rir da minha cara, nem sair correndo daqui como se eu fosse uma louca.

– Mas por que eu acharia que você...

– Apenas me prometa.

– Está bem – Raphael disse cruzando os dedos. – Eu prometo.

– Então, sentem-se para não cair de cansaço, nem desmaiar com essa história sem sentido...

Para Julie, era difícil saber por onde começar a contar sua história. Então decidiu partir desde o princípio, quando sua avó ligou pedindo que passassem o verão com ela. Porém, teve que voltar um pouco no tempo, e lhe contar sobre o incêndio que levara a vida de sua mãe há sete anos. A partir daí, disse-lhe que nunca mais haviam visitado Loreta Brown, embora a idosa ligasse constantemente e tivesse feito umas duas visitas à casa deles.

Raphael Cannopus era um bom ouvinte e prestava atenção a todos os detalhes em silêncio, tendo reações de surpresa e interesse, principalmente quando a jovem relatou sobre a sua estranha experiência à beira da estrada (quando ouviu aquele estranho zumbido e sentiu um calor descomunal) e sobre a mão desfigurada da avó. Mas seus olhos se arregalaram mesmo quando ouviu sobre o corte na perna, provocado pelos cacos de vidro da jarra que derrubou graças ao susto que o reflexo de Loreta provocou, e sobre a avó lamber o sangue de sua perna, dizendo que se tratava de uma doença que tinha desde a infância.

Ela teve receio de falar mais, porém, agora que já havia começado, pensou que o melhor a fazer seria revelar tudo. Por isso, relatou também todos os seus sonhos estranhos e sua leve suspeita de que eles não se tratavam apenas de sonhos, mas de cenas reais. Então ele fez a primeira pergunta durante toda a conversa:

– E por que você acha que não eram apenas sonhos?

– Por causa disso – Juliette lhe disse e apontou para a pedra triangular em seu pescoço.

Os olhos do rapaz demoraram-se por alguns instantes no leve brilhar opaco da pedra. Sua testa estava franzida, provavelmente por causa das dúvidas que devia ter.

Julie contou da reação da avó e do pai ao verem a pedra, que confessaram ter sido um pertence de sua mãe no passado.

– E isso não poderia ter sido apenas uma coincidência? – Raphael perguntou enquanto

acariciava a cabeça de Maia, que estava encostada em seu colo, silenciosa e observadora.

– Como assim? – Julie não entendeu.

– Você encontrou a pedra nos pertences de sua mãe, certo? – ela assentiu. – Então você pode muito bem ter sonhado que sua mãe a usava e, como era dela, é bem capaz que usasse mesmo. Sendo assim, é normal que tenham se surpreendido ao verem que você a estava usando.

– Não tinha pensado por esse lado – ela observou.

O que ele disse fazia muito sentido. Tudo o que sonhara poderia ter sido criação de sua mente, que imaginara sua mãe usando a pedra e conversando com a avó, assim como criara a imagem do feixe de luz saindo da pedra, simplesmente por ela ter se impressionado com aquele objeto brilhante. O sonho no qual sua mãe Ângela enfrentava a criatura estranha certamente se tratava apenas do medo que sentiu ao ver o reflexo distorcido de sua avó, o que poderia acontecer com qualquer um.

Juliette estava a ponto de soltar uma gargalhada e dizer alegremente que fora boba durante todo esse tempo em que acreditou em bobagens, até que se lembrou de algo que comprovava que tudo isso não era uma bobagem: *a foto*. Percebeu que ainda a segurava com firmeza, amassando-a contra seus dedos. Abriu-a.

– Não foi uma simples coincidência – disse, então, sem tirar os olhos da fotografia. – Ainda tenho mais para lhe contar.

Relatou os últimos acontecimentos, porém preferiu omitir que era o dia de seu aniversário porque achou inconveniente demais para o momento.

Ao chegar o momento de lhe falar sobre a descoberta de sua paternidade e sobre o fato de Richard não ser seu pai, mas sim um estranho chamado Sírius, que havia morrido quando ela tinha apenas um mês, Julie não aguentou e caiu em lágrimas.

Raphael, que estava sentado ao seu lado, deixou que a cabeça da moça recostasse em seu peito enquanto terminava de contar a história aos prantos. Maia latia e uivava como se estivesse compadecida com a tristeza da adolescente. Mesmo após contar tudo, ficou ali, sentindo o subir e o descer do peito de Raphael, que acariciava seus cabelos e seu rosto, num toque suave e gentil que Julie não se lembrava de alguma vez ter sentido coisa igual. Queria ficar ali para sempre, ouvindo o lento murmurar dele, dizendo que tudo ficaria bem, que não precisava temer.

Virou-se de forma desajeitada, mas quando seus olhos encontraram os dele, foi como se repentinamente se tornasse muito simples para ela imaginar que todos os seus medos e problemas eram insignificantes.

Raphael inclinou a cabeça e seus rostos se aproximaram. A sua respiração era quente e lhe atingiu o rosto como uma gostosa brisa. O seu rosto se aproximou ainda mais e, quando seus lábios se tocaram, Julie sentiu um gosto refrescante na boca e uma pequena onda de choque percorrer todo o seu corpo, deixando-a arrepiada, fazendo com que estremecesse. Torceu para que ele não tivesse notado. Podia sentir a umidade dos lábios dele conforme lhes tocavam a

pele, e colocou seus braços ao redor do pescoço de Raphael.

Ela não queria que o tempo parasse, ao contrário das garotas daquelas histórias de amor bobas. Ela queria mesmo era que o tempo continuasse seu percurso, mas que pudesse repetir momentos como aquele durante toda a vida. Porque isso era eternidade. E assim aconteceria de novo... e de novo... e de novo. E todas as vezes que isso acontecesse, saberia que aquilo era para sempre, pois não importavam as outras coisas, seu coração sempre estaria e voltaria para ali. Isso era amor.

"Isso, sim, é um belo presente de aniversário", pensou.

Quando seus lábios se separaram, ela voltou a encostar sua cabeça no peito dele e ficou olhando o mar balançar e quebrar na areia da praia. Não queria dizer nada, e não queria que ele dissesse. Até Maia ficou em silêncio como se respeitasse aquele momento, embora Juliette tivesse a nítida impressão de que ela estava morrendo de ciúmes. Se é que animais sentem ciúmes...

Não soube ao certo quanto tempo ficaram ali. Só percebeu que o sol já tinha cruzado metade do céu quando ele falou com ela:

– E o que você vai fazer? Pretende voltar pra casa e conversar com seu pai?

Ela ajeitou-se e sentou na areia. Arrumou sua franja que estava encobrindo sua visão para o lado. Não queria falar sobre aquilo agora. Não queria que ele lhe lembrasse que tinha outras coisas na sua vida e que, por mais que tentasse fugir, não poderia escapar delas.

– Acho que não tenho alternativa.

– Bom, você não precisa ir agora, precisa? – ele endireitou-se e pegou na mão dela. – Que tal se déssemos um passeio pela cidade? É um pouquinho longe para caminhar a pé, mas eu poderia passar lá em casa e pegar o carro do meu pai – sem esperar que ela respondesse, ele continuou. – Poderíamos ir ao parque. O que acha?

A menção ao parque fez Julie lembrar que tinha prometido levar Nicolle até lá e que planejara uma tarde perfeita ao lado de Raphael. Não estava com vontade de levar Nick naquele dia, mas ainda assim uma parte daqueles planos podia acontecer.

Os olhos dele brilhavam na expectativa da resposta dela e quando já estava preparada para responder positivamente, ouviu uma voz conhecida dizer:

– Acho que hoje não, meu jovem.

Usando um vestido florido, chinelos e apoiada em sua tradicional bengala que usava nos passeios, Loreta Brown os encarava com uma cara que misturava suspeita e serenidade.

– Você deve ser Rapahel – disse ela, percebendo que o garoto nada iria responder, apenas a encarava. – Julie nos falou sobre você. Sinto ter que desapontá-lo, mas agora minha neta tem outros assuntos mais urgentes para tratar.

– Eu entendo – ele disse olhando desconfiado para Loreta. Provavelmente toda a história que Juliette contou deixou-o perturbado em relação à idosa. – A gente se vê amanhã, Juliette – ele deu um leve beijo na bochecha dela e, chamando Maia, foi andando para casa.

Loreta ficou observando o garoto sair e, quando já estava distante, ela falou para a neta:

– Espero que um dia você me agradeça por isso.

Julie queria gritar com ela. Com que direito ela chegava assim e interrompia a conversa dela com a única pessoa com a qual poderia conversar naquele fim de mundo, e ainda esperava que ela agradecesse?

Estava com a esperança de que ainda poderia salvar sua tarde, e agora tudo tinha ido por água abaixo com a chegada de sua avó.

– Não precisa ir tão rápido, minha neta – falou ela, quando Julie já estava se movendo para sair dali e achar outro lugar onde pudesse ficar sozinha. – O que eu tenho para falar será rápido – ela olhou para a casa no alto do penhasco e pareceu estar observando a janela. – Você precisa voltar e falar com o seu pai.

Juliette sorriu torto.

– Ele não é meu pai. Você sabia disso. *Ele* sabia disso! – Ela soltou o ar de seus pulmões e virou-se de costas para sua avó, de modo que ela não pudesse ver o seu rosto entristecido. – E agora *eu* também sei disso! Será que não entende a dor de passar a vida inteira acreditando em uma coisa e de repente descobrir que tudo é mentira?

Loreta não respondeu, apenas olhou para cima com os olhos tristes e pensativos.

Vendo que ela não respondia nada, Julie continuou:

– Não sabe, não é?

– Está enganada, criança.

– Eu não sou criança! – gritou a garota de volta.

– Ah, mas está se comportando como uma – disse Loreta docemente. – Você tem todo o direito de estar nervosa. Não, não me interrompa – falou, vendo que a neta já se virava com uma resposta na ponta da língua. – Você pode ter esse direito, e todos respeitaremos isso. No entanto, eu pergunto para você: o que espera com isso?

Julie ergueu as sobrancelhas sem entender.

– Exatamente isso, Julie – ela começou a explicar. – O que pretende? Acha que essa mágoa ficará para sempre? Que você poderá varrer a verdade para debaixo do tapete da indiferença? Não, não poderá – ela fez uma pausa e continuou: – Mais cedo ou mais tarde, você terá que encarar seu pai, porque, sim, ele é seu pai, independentemente do que a ciência diga, e deixar que os fatos falem por si mesmos. E quanto antes fizer isso, melhor. Lembre-se que as oportunidades vêm, e se não as aproveitamos, elas vão embora sem aviso de retorno.

– Por que diz isso? – Juliette perguntou sentindo sua raiva diminuir um pouco, enquanto passava a mão nos curtos cabelos loiros, como sempre fazia quando estava apreensiva.

– Sente-se aqui – a idosa falou apontando com a bengala para a areia da praia.

Dizendo isso, Loreta se agachou e, com dificuldade, sentou-se no chão.

– Vovó, você não devia fazer isso!

– Tudo bem, tudo bem – disse fazendo um gesto com a mão, quando Julie se prontificou para ajudá-la. – Ah... já faz muito tempo que não faço isso. Vamos, sente-se...

Não tendo alternativa, a jovem deu de ombros e acomodou-se ao lado de Loreta,

percebendo naquele instante como sua avó estava pálida, e se perguntou se estaria doente.

– Há alguns minutos, você me disse que eu não sei como é se sentir diante da revelação de que tudo o que acreditamos é uma mentira – olhou bem nos olhos da neta, que não disse nada. – Mas, acredite ou não, eu sei. – Loreta, então, mostrou a foto de Ângela com Sírius para a neta, e depois outra foto muito antiga, em preto e branco, que mostrava uma garotinha sentada no colo de uma mulher de aspecto severo. Ao ver a imagem, Julie notou que se tratava da mesma foto que chegou a ver no sótão outro dia. – Esta é a minha mãe, Juliette, a sra. Maxine. E essa menininha aqui sou eu. Sabe por que estamos apenas nós duas nesta foto?

Julie balançou a cabeça de modo negativo.

– Porque meu pai havia falecido alguns meses antes dessa fotografia. Não é à toa que minha mãe não parece feliz. Algum tempo depois, ela se casou com um homem chamado Bernard, que eu passei a vida inteira chamando de pai. Isso até o dia em que ele bebeu demais e brigou com minha mãe, e eu, uma criança de uns dez anos, de modo inocente, implorei para que parasse de brigar, chamando-o de pai. Nesse instante, ele se virou para mim e disse que não tinha nenhuma filha – Loreta fitou o rosto da jovem neta, que demonstrava surpresa. – É claro que eu fiquei perturbada e minha mãe teve que contar toda a verdade. No outro dia, Bernard me pediu perdão. Era um bom homem e apesar da tristeza que sentia, como poderia não perdoá-lo? Como poderia não amá-lo?

Ela parou de falar e as duas ficaram por alguns segundos observando as ondas do mar, antes dela continuar:

– Fico feliz de tê-lo perdoado. Se eu tivesse esperado mais dois meses, não teria tido mais tempo.

– Por quê? – Julie perguntou.

– Porque ele morreu – antes que a menina dissesse algo, Loreta prosseguiu: – Fale com seu pai, minha querida. O sangue dele pode não ser o mesmo que corre em suas veias, mas se eu tivesse levado em consideração apenas isso, não teria tido um pai. Costumamos dar nomes aos laços de sangue talvez porque os verdadeiros laços, que são os laços de amor, não precisem de nome... precisam apenas de uma chance.

A idosa levantou-se com mais dificuldade do que teve para se sentar e, apoiando-se na bengala, estendeu a foto de Sírius e Ângela para ela.

– Tome, acho que vai querer ficar com ela. – Vendo que ela já abria a boca para dizer alguma coisa, levantou a mão. – Não diga nada. Talvez você não a queira hoje, mas vai querê-la um dia. E, antes que eu me esqueça, se eu tiver que sentar-me na areia da praia de novo e quase quebrar meus ossos, você pode começar a preparar seu jantar sozinha – ela riu timidamente. – Mas se quiser se desculpar, que tal fazer um passeio com a avó amanhã à tarde?

Julie se surpreendeu com o convite. Lembrou-se que já tinha marcado com Raphael, mas não queria decepcionar Loreta.

– Claro, vamos sim.

– Muito bem – ela disse satisfeita. – Então pense no que eu lhe disse.

Observando a avó se distanciar vagarosamente pelas areias da praia, Juliette pensou que havia acabado de conhecer, ou melhor, lembrar de um lado dela que há muito tempo tinha esquecido. Foi completamente tola por pensar aquelas bobagens e agir daquele modo. No fundo, Loreta estava certa e era uma boa pessoa, e Julie comprometeu-se a tratá-la melhor dali em diante, além de confiar mais nela. Afinal, por que não confiaria?

***

Ao chegar ao alto do morro, Loreta Brown não entrou diretamente em casa, onde Nicolle assistia TV e Richard estava aos prantos, observando as fotos antigas de sua família. Ao invés disso, foi direto para o porão.

Sentia um pouco de remorso por ter mentido para a jovem Juliette, mas a mentira era necessária para que a menina confiasse mais nela. Pelo visto, tudo tinha dado certo. “Julie vai partir, mas não antes de se entender com o pai”, pensou Loreta.

Olhou para os dois lados para certificar-se de que ninguém a estava observando. Tirou o cadeado e abriu as portas. Um par de luzes azuis brilhantes a encararam quando entrou.

– Está tudo certo – Loreta Brown falou. – Juliette aceitou fazer o passeio. Amanhã a levaremos embora.

4
Domingo

Julie não se lembrava da última vez em que acordara tão bem e com tanta disposição.

Apesar de ser domingo, logo cedo despertou e se espreguiçou na cama. Olhou para o lado e viu que Nicolle já havia se levantado, pois sua cama já estava feita, com os lençóis e o cobertor arrumados.

Muitos sonhos ocuparam seus pensamentos durante a noite. Desta vez, Sírius também estava em um deles, junto de sua mãe. Julie viu os dois conversando junto a um berço pequeno, até que Sírius notou algo estranho do lado de fora da casa, como um animal subindo em uma árvore. Ao sair para verificar, acabou dando de cara com uma criatura de porte esquelético e olhos grandes, que avançou contra ele. Nesse instante, a cena do sonho mudou rapidamente. Então ela viu seu verdadeiro pai caído no chão com o corpo ensanguentado e sua mãe chorosa ao lado dele, segurando sua mão. Ele lhe disse algumas palavras, as quais Juliette não pôde ouvir, depois se apoderou da pedra triangular que estava pendurada no pescoço de Ângela. E, então, a cena desvaneceu novamente.

Julie ainda não sabia se aquilo era um sonho comum ou algum tipo de visão. Preferia acreditar que tudo isso fosse apenas fruto de sua alma perturbada e inquieta.

Levantou-se e foi tomar um banho. Enquanto a água escorria por seu corpo, ficou aliviada ao pensar na conversa que tivera com Richard. Após os conselhos dados por sua avó, Julie voltou para casa e subiu ao quarto dele. Ouviu-o em silêncio, enquanto ele lhe explicava que o fato de Sírius ser seu verdadeiro pai só havia sido escondido para poupá-la da dor. Rick contou que ele e Ângela planejavam revelar a verdade quando ela fosse maior, mas, com a morte da esposa, Richard não teve coragem de contá-la sozinho, com medo de que ela se sentisse sozinha no mundo. Juliette concordou e pediu desculpas por seu mau comportamento. Apesar disso, preferiu jantar sozinha em seu quarto. Sua avó levou-lhe a comida e a deixou com seus pensamentos. Antes de dormir, ainda teve que prometer para Nicolle que a levaria ao parque de diversão no dia seguinte logo pela manhã.

Já não tinha planos de passar no hospital, pois, ao trocar o curativo, pôde verificar que os cortes já estavam cicatrizando.

Assim que se enxugou, passou no quarto para se vestir e desceu as escadas. Todos estavam reunidos à mesa, esperando-a para tomar o café.

– Bom dia – disse Loreta com um sorriso radiante no rosto. – Passou bem à noite?

Julie assentiu.

– Ótimo. Só espero que não tenha se esquecido do nosso passeio hoje à tarde.

– E aonde as duas nobres damas pensam em ir?

– Vamos por aí paquerar alguns garotos – ela respondeu brincando, dando uma leve cotovelada no braço de Juliette. – Somos jovens e descomprometidas, e você trate de não tentar nos controlar, hein, Rick! Hoje não temos hora para voltar!

Ele riu e concentrou-se em passar geleia de morango em um torrada para depois devorá-la com vontade.

– Já podemos ir ao parque, Juh? – Nick só chamava Juliette assim quando queria muito alguma coisa dela. – Veja – disse a garota pulando da cadeira –, eu até já me vesti.

Realmente, a pequena garotinha já estava vestida com um vestido cor-de-rosa, uma sandália lilás e um laço da mesma cor amarrado no cabelo.

– Papai me deu dinheiro. Disse que posso ir em todos os brinquedos!

– Eu disse que você poderia ir em todos os brinquedos que Juliette deixasse – corrigiu ele. – Eu até adoraria ir com vocês, mas preciso preparar minha defesa para o caso daquela mãe que está sendo acusada de matar a própria filha.

– Pensei que você tinha vindo aqui para se distrair, não para trabalhar mais – Loreta falou com um leve tom de repreensão na voz.

– Eu sei, mas anteciparam o julgamento da mulher, por isso tenho que começar a rever o caso o quanto antes.

– E então – Nick falou olhando para Julie –, já vamos?

– Assim que eu terminar de tomar o meu café.

– Vocês querem que eu ao menos as leve para o parque? – Richard perguntou.

– Não precisa, Raphael vai emprestar o carro do pai dele e vai nos levar.

Pela cara do pai, Julie teve a certeza de que ele não gostou muito da ideia, e provavelmente não teria permitido que ele a levasse se Nicolle não estivesse indo junto com os dois.

Pouco mais de meia hora depois, Juliette já estava pronta para sair. Juntamente com sua irmã, ficou sentada na varanda, até que ouviu o ronco de um motor. Viu, então, quando uma caminhonete verde escura apareceu na estrada de terra, deixando uma nuvem de poeira para trás.

Enxergou o rosto de Raphael pelo vidro e ouviu Maia latir no banco traseiro da cabine dupla.

– Olá! Então, está pronta? – ele falou ao fechar a porta do carro com Maia ao seu encalço.

– Olá. Estou sim, podemos ir.

– Oi – Nicolle falou descendo a escada rapidamente e parando em frente a Raphael.

– Ah, esta é minha irmã Nicolle, que nós chamamos de Nick – Juliette explicou rapidamente antes que a menina começasse a falar e dissesse alguma bobagem. – Eu acho que me esqueci de avisar, mas tinha prometido para ela que a levaria ao parque. Tem algum problema se ela for conosco? – perguntou meio constrangida, sabendo que devia tê-lo

avisado.

Ela viu a tristeza nos olhos dele ao mencionar o fato. Certamente, assim como ela, ele também desejava um passeio a sós.

– Sem problemas. Nick, que tal se você for ali atrás junto com Maia, para ficar de olho nela pra mim? Espero que goste de animais.

– Claro – Nicolle falou e pulou para dentro da caminhonete.

– Cuidem-se, crianças – Loreta falou encostada no parapeito da porta. – E, rapazinho, trate de trazer minhas meninas sãs e salvas.

Ele olhou nos olhos dela por algum tempo e respondeu:

– Pode deixar.

***

Armas sempre causaram apreensão em Juliette. E quando Raphael lhe disse que estava com uma espingarda no porta-malas, ela ficou tentada a pedir que ele desse a volta com o carro e a deixasse em casa.

– Não se assuste – ele havia falado baixinho para ela durante o caminho, para que Nicolle não escutasse e acabasse se assustando. – É uma arma do meu pai, e eu prometo não tocar nela. É que, depois do que você me contou e da foto que me mostrou daquela criatura, achei que seria melhor nos prevenirmos. Não sei se aquilo é algum tipo de animal, mas não me parece amigável.

Ela havia concordado, e agora os dois comiam algodões doces, enquanto Nicolle rodava em um dos cavalinhos do carrossel e acenava para os dois todas as vezes que passava por eles.

– E então, você já se acertou com seu pai? – Raphael perguntou.

Julie deixou que um pedaço de algodão doce se dissolvesse em sua boca antes de responder.

– Já, sim. Minha avó conversou comigo e concordamos que era o melhor a fazer.

– Fico feliz por você – ele sorriu para ela. – Já que eu já sei onde você mora, que tal se um dia você fosse até minha casa para eu lhe apresentar aos meus pais?

Ela ficou apreensiva.

– Não sei se eles vão gostar de mim.

– Vão, sim – ele garantiu –, eu já falei sobre você pra eles, e agora estão loucos para conhecê-la.

Juliette já estava com uma resposta pronta na ponta da língua quando uma senhora de cabelos ruivos e esparramados que segurava uma bolsa azul-clara colada ao corpo se aproximou dela e a chamou.

– Juliette? Juliette Clare?

A jovem olhou para aquela estranha com uma cara confusa e assentiu.

– Sim, sou eu.

– Meu Deus, querida, há quanto tempo – disse a outra, que a pegou nos ombros e lhe deu dois beijos molhados em ambas as bochechas. – Como vai você, minha jovem? – perguntou ajeitando os óculos quadrados que usava sobre o nariz comprido e torto.

Juliette deu uma rápida olhada para Raphael, e ele parecia tão atônito quanto ela.

– Oh, meu Deus, perdoe-me. Você não deve estar se lembrando de mim, pobrezinha. Sou Marry Sheldon, querida. Fui professora de sua mãe, Ângela, quando ela era pequena. Costumava tomar chá nos fins de semana com a sua avó.

– Oh, sim! – Juliette falou, recordando-se daquele rosto. – Desculpe-me, mas não a vejo desde o velório de minha mãe.

Marry pareceu estranhar aquela declaração.

– Tem certeza? Eu lembro de termos nos encontrado no último velório, dois meses atrás. Poucas pessoas compareceram, e você ainda me contou que seu pai e sua irmã não puderam comparecer. Lembra-se? – Vendo a cara confusa de Julie, ela se recompôs. – Ah, mil perdões, minha querida. Eu sou tão indelicada, não deveria ter lembrado uma coisa dessas. Sei que deve ter sido muito difícil para você recordar a morte dela.

Juliette olhava para ela e tinha a certeza que estava diante de uma louca. Raphael, sem entender nada, apenas se limitava a olhar de uma para a outra.

– Perdão, sra. Sheldon, realmente foi muito difícil aceitar a morte dela, mas acho que está se confundindo. Minha mãe morreu há sete anos, e meu pai e minha irmã estavam presentes no enterro.

A mulher estava visivelmente desconfortável e parecia estar arrependida de ter iniciado aquela conversa.

– Não, não, acho que você está se confundindo. Não estou falando do enterro de sua mãe. Estou falando do enterro de sua *avó, Loreta Brown!*

Naquele momento, Julie teve certeza de que a mulher estava louca e quis pegar Nicolle e dizer para Raphael tirá-la dali o mais rápido possível. Como assim sua avó morta? Passou os últimos dias na companhia dela, e ainda poucas horas atrás se despediram da idosa na porta de casa.

– O que você disse? Que minha avó está.... que está *morta*?

– Sim, sim. Morreu por causa de uma parada cardíaca, sozinha em sua casa naquele penhasco na praia – ela fez uma pausa olhando o rosto extremamente pálido da menina. – Julie, você está bem?

Juliette não respondeu. Em vez disso, foi até o carrossel e esperou que o brinquedo parasse. Pegou Nicolle pelo braço e lhe disse que estavam indo embora.

– Mas já? Nós acabamos de chegar – protestou a menina.

– A brincadeira acabou – ela disse pondo um fim na história, e se dirigiu a Raphael. – Vamos, por favor.

– Você quer que eu as leve para casa? – ele perguntou enquanto os três se afastavam de Marry, que coçava a cabeça de modo pensativo e depois dava de ombros, continuando seu

caminho.

– Não, nos leve ao cemitério!

***

"Onde vovó Loreta estaria numa hora dessas?", perguntou-se Richard enquanto descia as escadas.

Precisava imprimir alguns documentos da sua cliente, mas não encontrava as folhas. Procurou por Loreta por todos os cantos a fim de perguntar-lhe onde guardava, mas parecia que a velha tinha desaparecido como num passe de mágica. Chegou até a dar uma olhada na praia, onde ela poderia estar dando um passeio, porém também não a encontrou. Já estava desanimando quando se lembrou de um lugar: o *porão*.

Lembrou-se de que, no dia em que ele e suas filhas chegaram à sua casa, Loreta apareceu dizendo vir de lá, alegando que estava procurando por alguma coisa. Era um bom lugar para procurá-la.

Ao aproximar-se do local, notou que as portas do porão estavam abertas, e alegrou-se por tê-la encontrado. Uma pequena escadaria levava para o andar de baixo, e enquanto ele descia, notou que estava muito escuro e sentiu um cheiro muito forte de podridão lhe invadir as narinas, dando-lhe vontade de vomitar.

Quando seus pés encontraram o chão, suas mãos procuraram pelo botão que acendia as luzes. Ao encontrá-lo, iluminou todo o local. Foi então que ele viu: Loreta Brown estava abaixada diante de algo muito volumoso, cinzento e ressecado. Ao ver os membros alongados espalhados pelo chão, além de tufos de cabelos e pedaços de pernas e braços por todo o local, Richard percebeu que se tratava de corpos. Em seguida, soltou um grunhido. Corpos e membros estavam espalhados por todos os cantos. E, em um deles, Loreta Brown lhe mordiscava ferozmente a região do estômago.

Ao notar que Richard estava ali, ela levantou a cabeça e mirou seus olhos.

– Richard, você não deveria ter visto isso...

***

Julie saiu chorosa do túmulo, que na verdade era apenas um memorial em homenagem, à sua mãe. Dirigiu-se, então, à sepultura ao lado. Ao ler o nome gravado na lápide, sentiu-se amolecer. *Loreta Alcyone Brown* estava enterrada ali.

***

O carro freou bruscamente, deixando a marca dos pneus na estrada de terra. Nicolle, que não estava entendendo nada, soltou um grito ao ver Raphael saltar do veículo e tirar uma espingarda do porta-malas. Para acalmar a garota, Julie explicou que havia um animal muito feroz por perto, e que ela devia ficar junto deles porque ele podia estar dentro de casa.

Ainda não conseguia acreditar naquilo. Durante todo esse tempo esteve convivendo com um monstro que estava passando por sua avó, que faleceu sem que ela soubesse. Mas que tipo

de monstro era aquele que conseguia fazer uma coisa dessas? Achava que essas coisas só aconteciam em histórias de crianças, mas agora estava tendo a prova de que tudo era real.

A marca e a criatura vistas na floresta estavam dentro de sua própria casa. E ela havia atacado sua mãe e seu pai. Não conseguia entender que interesse essa criatura poderia ter em sua família... A não ser... a pedra! Certamente a perseguição fora iniciada quando sua mãe a encontrara em suas escavações.

Sua sorte foi ter encontrado Marry no parque e ter descoberto tudo a tempo. Se tivesse ouvido Nicolle desde o princípio, quando ela alertara sobre a formiga gigante, ou se tivesse acreditado nos sinais que via, como a mão esquelética na porta e o reflexo na chaleira, poderia ter alertado seu pai e fugido a tempo. Agora precisava tentar encontrá-lo, e torcia para que a criatura não tivesse feito nada com ele. Por sorte, tinha Raphael ao seu lado.

– Vamos entrar rápido – ele disse. – Não temos tempo a perder.

Juliette estava tremendo e Nicolle estava visivelmente assustada quando entraram na casa. Maia ficou para trás, sentada junto ao carro como um vigia. Raphael estava com os olhos apreensivos e olhava de um lado para o outro, atento a qualquer movimento.

Ao abrirem a porta, notaram de imediato que tudo estava destruído e esparramado. O sofá estava virado, a televisão quebrada e vários porta-retratos caídos no chão. E, em alguns cantos, eles puderam ver sangue!

– É melhor sairmos daqui o quanto antes – Raphael falou baixinho em seu ouvido.

– Não sem o meu pai – ela falou –, e mais uma coisa que eu quero.

Com seus passos ecoando pela escada, Juliette foi diretamente para o seu quarto, onde pegou a caixa de papelão em que estava o diário de sua mãe. Depois correu direto para o quarto do pai, com Raphael e Nicolle logo atrás. Lá não encontrou nada.

Aterrorizada pelo desaparecimento de Richard e pelo silêncio sepulcral da casa, seus pés se dirigiram até a cozinha, onde algo lhe dizia exatamente o que iria encontrar. O corpo de seu pai jazia ensanguentado no chão. Sua mão ainda segurava uma faca.

Nicolle esgueirou-se entre os dois jovens e, antes que Juliette pudesse protegê-la para que não visse a cena, a garotinha acelerou o passo e estaqueou ao ver o corpo inerte do pai. O seu grito ecoou por toda a casa. Horrorizada pela cena e sem conseguir conter as lágrimas, a garota saiu correndo para o lado oposto em direção à porta de saída.

– Nicolle, espere! Nós precisamos ficar juntas! – gritou Juliette em meio às próprias lágrimas e soluços.

Mas a garota não lhe deu ouvidos. Quando já estavam na varanda, Julie e Raphael viram o vulto de uma criatura passar correndo como uma moto, agarrando a menina e a levando embora consigo.

O grito de Nicolle se perdeu no ar, misturado com o de Juliette.

– NÃO!

Ambos desceram às pressas as escadas e olharam para a praia. Nada! Foi então que ouviram um novo grito de Nicolle vindo da direção da beirada do penhasco. Ambos olharam

para lá em tempo de ver algo se mexer rapidamente e sumir. Logo depois veio o som da batida.

Sem pensar em mais nada, Julie correu em direção à ponta do penhasco com Raphael atrás dela. Conforme se aproximava, diminuía o próprio passo para não correr o risco de pisar em falso. Chegando próximo à beirada, já sabia o que viria. Esticou o pescoço e uma lágrima caiu paredão abaixo, onde, lá no fundo, caída com o corpo estirado na areia da praia, estava Nicolle.

Juliette urrou em desespero e, antes que corresse em direção à estrada para contorná-la e descer até a praia para ver sua irmã, Raphael já a segurava pelo braço.

– Não, já é tarde para ela. Vamos!

No momento em que se viraram para trás na direção da caminhonete, acabaram sendo parados pela presença de um indivíduo. Uma senhora idosa de cabelos brandos e vestido florido. Loreta Brown.

– Juliette, ouça-me rápido! Venha comigo – disse ela. – Há muitas coisas que eu preciso lhe explicar e tenho certeza de que vai me entender. Eu e Archenar fomos as primeiras dos *nossos* a chegar aqui, e recebemos a missão de localizá-la. Encontrei primeiro sua avó, porque foi da casa dela que sua mãe mandou a mensagem. Tive que absorver todas as memórias dela e temo que não tenha resistido. No velório, tomei a sua forma, para não parecer estranho que ninguém de sua família tenha comparecido. Quando tive certeza de que os outros viriam juntamente com a chuva de estrelas cadentes, eu convidei seu pai para que viessem aqui, pois precisava levá-la!

– Você matou meu pai! – Julie esbravejou.

Nesse instante, viu uma criatura parecida com a anterior, mas esbranquiçada, totalmente lisa e de longos cabelos prateados, pular no intuito de pegar Raphael. Mas ele foi mais rápido e deu-lhe um tiro que a atingiu no estômago, fazendo-a voar e cair rolando pelo chão.

– Não – Loreta gritou, mas a voz já não era a dela.

Foi nessa hora que o corpo da idosa também começou a se transformar e sua pele enrugada foi se tornando lisa e leitosa.

– Você precisa vir comigo – ela falou, indo na direção da menina. – Estou ficando cada vez mais fraca. Os cadáveres possuem pouco ectoplasma terrestre para que eu pudesse viver aqui. Eu sinto muito, mas vou levá-la, queira ou não...

Não pôde terminar de falar, porque Raphael já tinha atirado e lhe acertado no rosto, jogando-a para trás.

– Venha – Raphael falou para Juliette, que estava sem forças para reagir e se deixou conduzir por ele.

Entraram no carro correndo, porque a criatura que se passava por Loreta Brown já estava se levantando. Maia estava no banco de trás e latia sem parar. Juliette chorava muito quando o carro arrancou, completamente perplexa por todos os últimos acontecimentos.

– Não entendo – ela falou entre soluços. – Por que aquela coisa me queria?

– Não sei – ele respondeu. – É melhor você se acalmar. Vou levá-la para minha casa e tudo ficará bem.

Não! Nada ficaria bem enquanto ela não entendesse toda aquela história.

O carro deu a partida e arrancou ferozmente pela estrada de terra, fazendo Juliette, que estava sem o cinto de segurança, derrubar a caixa com os pertences da mãe ao chão. O diário e todas as folhas de revistas e recortes de jornais que estavam lá dentro se espalharam em frente a seus pés.

Ao ajeitar-se novamente no banco e passar o cinto em torno de seu corpo, olhou pelo espelho lateral e viu a imagem refletida da criatura esbranquiçada com o rosto desfigurado pelo tiro, tentando correr de encontro a eles. Juliette já estava preparada para gritar para Raphael ir mais rápido, quando percebeu que o monstro que se passara por sua avó estava diminuindo o passo, como se não tivesse mais forças para continuar, até cair de joelhos e sua voz sumir no ar enquanto o carro continuava a avançar.

– Venha comigo, Juliette! – ela gritava. – Venha comigo, Juliette! VENHA COMIGO!

Ouvir aquela voz rouca e fantasmagórica era demais para Julie, que tapou os ouvidos com as mãos para não ouvi-la. Somente retirou-as vários minutos depois, quando já se sentiu segura. Ao fazer isso, deixou-se afundar ainda mais no banco, soltando o ar de seus pulmões. Queria chorar, mas não tinha mais forças. A imagem dos corpos de seu pai e de Nicolle se alternavam em sua mente, e tudo o que mais desejava era dormir e descobrir que aquilo era um pesadelo.

Ela não tinha mais nada. Não tinha mãe, pai, irmã, avó... nem um lugar seguro. Abaixou os olhos e, trêmula, viu o diário de sua mãe caído no chão. Abriu o cinto de segurança e se abaixou para pegá-lo. Queria agarrar-se na única coisa que lhe havia restado.

Quando seus olhos recaíram sobre as folhas espalhadas, a manchete de uma delas chamou sua atenção: *Suspeita que OVNIs tenham feito círculos nas plantações assusta moradores.*

"OVNIs?", pensou Juliette. "Oh, Deus, será isso? A criatura disse que outros iguais a ela chegaram com a chuva de estrelas. Mas... mas... isso é só uma invenção! Essas coisas n..."

Nos seus pensamentos, queria dizer que essas coisas não existiam, mas tinha visto com seus próprios olhos, e agora tudo fazia sentido. Por mais loucura que parecesse, o que vira não se tratava de um simples monstro, mas de um ser de outro planeta, que, ao que tudo indicava, queria levá-la consigo. Sentiu seu corpo se arrepiar só de imaginar tal situação.

Rapidamente pegou mais folhas e começou a passar os olhos por elas. Todas faziam referência a seres de outros planetas, aparições, círculos em plantações, abduções. Um dos artigos chamou sua atenção, cujo título era: *A pluralidade dos mundos: os extraterrestres e os ultraterrestres.*

Ela leu o artigo em partes:

Os extraterrestres caracterizam-se como os mais comuns visitantes do nosso planeta. Fazem parte de uma civilização mais avançada tecnologicamente do que a nossa [...], têm pouca conduta moral e se usam de abduções para estudar nossa raça [...], têm corpos

deformados e, em virtude de sua cor, são conhecidos como os "cinzas".

Os ultraterrestres se distinguem por serem raças evoluídas e virtuosas [...], auxiliam no progresso humano [...], suas visitas são mais raras [...], a densidade de nossa atmosfera não permite que fiquem em nosso planeta por muito tempo. Muitos os chamam de os "puros" ou os "brancos", por terem uma aparência esbranquiçada.

Juliette parou de ler. A sua cabeça dava voltas e voltas na tentativa de tentar organizar as informações.

Se aqueles artigos foram recolhidos por sua mãe, então ela já suspeitava de algo. Mas como poderia saber? Se bem havia entendido, existiam dois tipos diferentes de seres de outros planetas. Será que aquele que passou por sua avó queria abduzi-la? Lembrava-se da forma carinhosa com que ela lhe tratou durante aqueles dias, mas também de sua transformação, quando se tornou lisa e esbranquiçada. Pensou que, talvez, sua intenção não fosse maltratá-la, mas protegê-la.

– Raphael – ela falou quase que desesperada –, acho que cometemos um engano.

Ele virou os olhos para ela intrigado, depois voltou sua atenção para a estrada e sorriu.

– Engano? Não, não fomos nós que cometemos um engano. Sírius foi quem cometeu.

Juliette olhou para ele assustada sem compreender, e antes que ela dissesse alguma coisa, ele continuou:

– Ele se enganou quando se apaixonou por sua mãe – ele riu com vontade. – Pobre tolo. Quando ele e Knox foram mandados à Terra, tudo o que tinham que fazer era: encontrar a Mensageira dos Mundos – ele então mirou exatamente no pescoço de Juliette, onde estava a pedra – e escolher uma mulher para a experiência. Você já imaginou, Juliette, o que resultaria da união das raças terrestre e cinza?

– Não! – ela disse assustada. – Raphael, o que está dizendo? Pare já com essa brincadeira, está me assustando!

– Perdão, essa não era minha intenção. Apenas achei que quisesse a verdade, que quisesse saber que sua mãe acabou encontrando a Mensageira dos Mundos naquela escavação. Aqui, na Terra, vocês não a conhecem. Essa é a primeira que veio parar aqui graças à queda de um asteroide há milhares de anos. Eles tinham que localizá-la para evitar que um dia alguém encontrasse e descobrisse como entrar em contato com os outros mundos através dela. E, é claro, isto seria terrível. Imagine toda ignorância do mundo em relação à vida em outros planetas acabar por causa dela. Quando Sírius a encontrou com sua mãe, resolveu solucionar dois problemas de uma única vez: tinha achado a pedra e a mulher ideal para a experiência. E tudo teria dado certo se ele não tivesse se apaixonado por ela. Que romântico, não é?

Julie não conseguia responder. Fora tomada por um súbito temor e não era capaz de acreditar naquilo. Queria apenas sair do carro.

Diante do silêncio da garota, Raphael continuou:

– Sírius contou toda a verdade para sua mãe e os dois fugiram. E você nasceu. Querendo ou não, você é o fruto de nossa experiência, por isso deveria ter sido levada ao nosso planeta

para ser estudada. Quando Knox finalmente os encontrou, Sírius lutou com ele e usou a pior arma que se pode usar contra um cinza: a água. Nessa luta, Sírius morreu e Knox, apesar de ter sido dado como morto, sobreviveu e voltou alguns anos depois, durante o verão, para uma praia. Já tinha nos enviado uma mensagem pelos círculos nas plantações, e nós já estávamos a caminho.

– Quer dizer que você...

– Sim, Juliette – ele olhou bem nos olhos dela. – Eu sou um cinza. Odeio ter que partir o seu coração, mas essa é a verdade. Eu vim para buscá-la. Mas sua mãe foi mais esperta do que podíamos acreditar. Sírius a ensinou a mandar mensagens através da pedra. Ao perceber que Knox a encontrara, ela pediu ajuda aos *puros*. Mas essa ajuda demoraria anos para chegar, por isso ela decidiu lutar sozinha contra Knox. Essa briga resultou em um incêndio que matou os dois. O problema é que nenhum de nós imaginava que Ângela tinha mandado aquela mensagem, tampouco sabíamos que os puros também estavam aqui. Até você me contar seus sonhos – ele riu ao ver a cara de terror de Juliette. – Sim, chegamos à Terra e esperamos o dia em que você retornaria àquela praia, já que não sabíamos em qual cidade você morava. E você veio. Eu quase a levei aquele dia na floresta. Chamei-a na minha língua original, pois, como você é parte cinza, talvez pudesse me entender. Teria levado você se o seu pai não tivesse aparecido. Mas eu precisava ter certeza de quem você era, por isso mudei de plano e fingi ser seu amigo para recolher informações. Poderia ter lhe levado hoje de manhã, se sua irmã não tivesse se intrometido no nosso passeio. Se fosse por Maia, poderíamos tê-la jogado no meio do caminho, mas eu acreditava que não havia motivo para pressa... até você descobrir sobre sua avó. Então eu tive a certeza e avisamos nosso amigo Régulo para que cuidasse de tudo para nós.

"Sim, Julie, nós matamos o seu pai – ela gritou em horror e isso o divertiu ainda mais. – Eu imagino a cara dele ao descobrir sobre Loreta e a maneira como ele deve ter fugido dela enquanto a pobre criatura tentava lhe explicar tudo. Foi direto para nossa armadilha. Agora só faltava sua irmãzinha asquerosa. Não, não fique assim – falou quando Julie tentou espancá-lo e ele segurou seus braços, largando o volante que parecia ser conduzido por uma mão invisível. – Maia cuidou bem dela ao dar apenas aquele empurrão. Ela e Régulo não são tão emotivos quanto eu. Tive medo quando aquela ultraterrestre apareceu, temia que você acreditasse nela e fugisse de mim, mas não. Você foi uma tola. E, no final, tive sorte por isso ter acontecido. Pelo visto, aqueles puros já estavam se preparando para levá-la hoje à tarde. Queriam instruí-la sobre quem você é. Queriam prepará-la. E teriam conseguido se sua avó não quisesse esperar para contar toda a verdade. E para quê, Julie? Para quê? Como você mesma vê, a verdade não é tão boa quanto parece.

Nesse instante, o belo corpo de Raphael começou a ficar enrugado e cinza. Os cabelos dele começaram a cair e seus olhos se esbugalharam até ficarem brilhantes e vermelhos. Pelo espelho retrovisor, Julie viu que, no lugar onde havia uma cadela, agora existia uma criatura cinzenta e animalesca.

Juliette gritou.

– Eu quero sair daqui – disse, tentando abrir a porta do carro.

– Não se assuste, querida, tudo ficará bem. Vou levá-la para casa...

Olhando para frente, Julie viu um imenso clarão surgir do céu. Ele foi descendo cada vez mais até ficar na altura da estrada. O carro acelerou e chocou-se contra essa imensa luz, e, assim que se encontraram, ouviu-se um grande chiado agudo, antes da luz subir de novo e ser engolida pelo céu, deixando apenas o eco dos gritos de Julie se propagando pela estrada, até tudo voltar ao silêncio.

Algumas pessoas em diversos lugares levantaram a cabeça ao verem um grande clarão subir no céu. Segundos depois, abaixaram-nas e voltaram para sua rotina.

Tudo parecia normal.

* Originalmente *Wuthering Heights*, da escritora britânica Emily Brontë.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

